# A Profecia do Passado

*Para o Luiz*
*Para a Ana*
*E para a Susi*

*Foi um traço na areia com o dedo. Depois disso nenhuma ideia foi tão genial.*

Esta é uma obra de ficção. Embora tenham comportamentos baseados em estereótipos da realidade, todos os personagens foram criados e não existem na vida real.
A história narrada na cidade de São Paulo tornou necessária a invenção de nomes tipicamente brasileiros, o que permite a ocorrência de homônimos a pessoas reais, mas qualquer semelhança terá sido apenas uma coincidência não intencional.

**1**

*Tututu...tututu...tututu...clac!*

Não era possível! Já eram seis horas da manhã?! Pareciam ter se passado cinco minutos desde o momento em que apagara a luz! Carlos Vargas levantou-se pesadamente e sentou-se inconformado na beirada da cama, ainda contemplando incrédulo o brilho azulado do despertador eletrônico antes que se apagasse e devolvesse seu quarto à escuridão total.

Por que são vinte e quatro horas? Por que não vinte e oito, para mais quatro horas de sono? Ou vinte, para menos quatro de trabalho?

E por que não dispunha de recursos para comprar um despertador por dia? Isso tornaria desnecessário desligar o despertador ao tocar pela manhã, bastando apenas arremessá-lo contra a parede.

Pôs-se de pé e atravessou o quarto na escuridão até a porta; o corredor ainda escuro era um trajeto habitual até o banheiro e sua mão alcançou a maçaneta e depois o interruptor com a mesma precisão que teria sob a luz, gesto repetido tão maquinalmente naquele mesmo horário por quinze anos seguidos, em algumas épocas até mais cedo e em maior escuridão.

Após o imprescindível alívio da bexiga, o espelho era sempre seu primeiro companheiro do dia. O homem que o fitava por trás do vidro exibia a expressão mais cansada a cada dia. A juventude teimava em ser breve e a cada dia os olhos pareciam mais fundos e inconformados com tempo que passava mais rápido a cada dia, principalmente o tempo livre.

A escova de dentes, depois o pente; finalmente a espuma e o aparelho de barbear, a parte mais enfadonha da manhã naquela rotina interminável. Ao menos era o momento das primeiras ideias do dia à medida que o choque da curta noite de sono começava a se amenizar. Era terça-feira!

A terça-feira era o dia mais especial da semana para ele, e seu coração acelerou ao se lembrar de quem veria hoje. Conseguiria agir diferente hoje?

De volta ao quarto vestiu-se enquanto programava os afazeres do dia. A manhã do ambulatório e a tarde da cirurgia, e depois o fim de tarde dos loucos com o PB, e com... ela... À porta do quarto parou, como sempre buscando no fundo da mente cansada se lembrar do que estava esquecendo naquela manhã... carteira, chaves, canetas no bolso... o computador, sim o computador, e o pendrive. Onde estavam os dois?.. sim, ontem à noite, na mesa da sala. Desceu as escadas.

Recolhendo apressadamente o computador portátil, seu modem e o longo e emaranhado cabo de força, deixou escapar dois palavrões, as primeiras palavras do dia, enquanto lutava para acomodar tudo na pasta. Quando alguém inventaria um computador *realmente* portátil, que pudesse ser transportado e manuseado sem a necessidade de instalação e desinstalação em cada local onde fosse usado?

Chegando à cozinha Carlos recomeçou a diária rotina de tantos anos com o desjejum. Muito cedo para retirar a família da cama; sua mãe, dizia-se, e ele nunca havia estado por perto para testemunhar, levantava-se após as 9h00 desde que ele havia aprendido a se virar sozinho com a primeira refeição, ainda na adolescência. Sempre o copo de leite puro e o pão francês com margarina, enquanto o forno de microondas aquecia a xícara de água para o café instantâneo.

Nesse ponto sua mãe adormecida fazia falta pela manhã: por que nunca conseguia acertar o ponto do café instantâneo igual ao café de coador de sua mãe?

Cada gole do café melhorava seu humor. O sabor e o aroma minimizavam o impacto de acordar tão cedo.

Voltando à mesa da sala ainda segurando a xícara onde o café esfriava mais depressa a cada gole, lá estava ele, o pendrive ao lado do telefone desconectado do carregador. De novo! A noite toda sem carregar o telefone mais uma vez!

Recolhendo tudo para a pasta, não havia mais o que fazer antes de partir. O carregador veicular lhe daria alguns miliamperes de carga e talvez as três viagens do dia lhe fornecessem autonomia para o dia todo.

Cada gole de café podia ser mais longo e mais rápido que o anterior, e rapidamente a xícara toda foi consumida e Carlos partiu para a garagem da casa de seus pais.

O trânsito na cidade era implacável naquele horário; um minuto a mais que demorasse para sair representava mais três minutos para chegar ao destino, e se chegasse ao primeiro semáforo com alguns carros a mais à sua frente não aproveitaria a passagem na primeira abertura e o atraso em cascata se estenderia aos demais semáforos. E depois o semáforo seguinte e todos os demais, que com um pouco

de sorte poderiam ser transpostos com uma só parada. Mas sempre com uma parada em todos os semáforos. A cidade de São Paulo tinha o problema crônico e incompreensível da dessincronização de semáforos que obrigava todos os motoristas a pararem em todos os semáforos de uma via; eles eram cuidadosamente ajustados para abrir e fechar de forma intercalada, de maneira que assim que o primeiro semáforo abria o segundo fechava, e assim sucessivamente até que se chagasse ao fim de uma via.

Aproveitando rapidamente a parada num dos semáforos Carlos lembrou-se de conectar o telefone ao fio espiralado que pendia do painel do carro. O telefone soou o bipe de carga iniciada enquanto o display mostrava a nova mensagem de texto: De: Sandra 1:22 hoje. Só podia ser... Não bastava tê-lo retido ao telefone até mais de 23h00 na véspera ela ainda tinha tido a preocupação de enviar uma mensagem em plena madrugada!

Fora isso! O telefone fora da tomada e o pendrive esquecido. Sandra o aborrecera até tarde ao telefone e provocara a costumeira desconcentração de quem é interrompido e não se lembra onde deixou cada objeto.

Ao rádio o noticiário encerrava as boas notícias sobre o fechamento da bolsa de Tóquio e o âncora voltava chamar os repórteres de campo para as notícias do trânsito. A cada dia um caminhão quebrava em uma via diferente e provocava um grande congestionamento. A notícia era sempre seguida dos comentários sobre a necessidade de se investir no transporte público para que todos deixassem seus carros em casa.

*Isso mesmo! Saio duas horas mais cedo, caminho até o ponto e espero pelo ônibus para depois viajar em pé com minha bagagem e parando em todos os pontos; depois vou novamente de ônibus do hospital à clínica e finalmente volto de ônibus para casa, chegando duas horas mais tarde.* Muito inteligente! Sobre a dessincronização dos semáforos nunca fora pronunciada uma única palavra; a culpa do trânsito difícil era da vítima, o pobre cidadão que recebia um desserviço da Companhia de Engenharia de Trânsito era o culpado da lentidão na cidade!

Após vinte e cinco semáforos, tendo parado em dezoito deles, Carlos chegou ao estacionamento do subsolo, e após recolher a pasta e o avental do banco traseiro entregou o carro ao manobrista. Os dois andares seriam muito mais rapidamente percorridos pela escada sem o desperdício de tempo aguardando o elevador.

Entrando no corredor dos ambulatórios do primeiro andar Carlos cumprimentou as duas recepcionistas na mesa do início do corredor e entrou em sua sala, grato com a eficiência de todas as funcionárias: o computador já ligado e todos os impressos necessários jaziam cuidadosamente arrumados sobre a mesa.

Indo até a copa, a algumas portas de distância no corredor perpendicular ao de sua sala, Carlos se abasteceu do segundo copo de café do dia e voltou à sala enquanto observava na extremidade do corredor que os assentos da sala de espera já começavam a se encher.

Diante do computador e abrindo o programa que mostrava a agenda do dia, lembrou-se da mensagem de texto da madrugada. Já prevendo o conteúdo selecionou o ícone no display e lá estava a mensagem de Sandra: "Te amo amorzinho nao consigo dormir depois da discussao da noite me ligue assim que puder".

Tenha santa paciência! Após um plantão de doze horas numa segunda-feira ela o prendera por quarenta minutos ao telefone e ainda tinha lhe enviado uma mensagem durante a madrugada!

Agora não havia tempo para verificar mais nada. As primeiras consultas da manhã já estavam esperando na tela do computador, e o jovem médico selecionou a primeira consulta e clicou o mouse no botão *chamar*, iniciando o dia de trabalho.

**2**

5h30; Rosa descia a íngreme ladeira atenta ao conteúdo da bolsa que vasculhava enquanto caminhava para ganhar tempo, sob as luzes de mercúrio. O telefone, cartão de transporte público, crachá e o cartão de alimentação estavam lá.

Checando o telefone, seria infalível a mensagem das 23h00, e lá estava ela: "Agenda do Carlos as 16 Paulo". Como se ela não soubesse muito bem que há quase quatro meses Carlos Vargas atendia ao ambulatório do Projeto CO todas as terças-feiras a partir das quatro horas da tarde; e hoje ela estava decidida a tirar o melhor que poderia disso. Ao menos o Dr. Paulo tinha finalmente entendido que ela precisava dormir cedo para estar cedo no trabalho pela manhã, e aprendera a enviar mensagens de texto e não telefonava mais para ela próximo das onze da noite.

Voltou a guardar o telefone na bolsa, separando agora o cartão do ônibus no compartimento lateral para acessá-lo com facilidade. Tornou a fechar a bolsa e aconchegou-a firmemente a tiracolo entre o braço e tronco, agora atenta a qualquer som de passos atrás de si e procurando passar o mais longe possível dos pontos de sombra do caminho tão conhecido. A amiga assaltada naquele trajeto um ano antes e o relato contado com várias versões de um ataque sexual a uma mulher na casa dos sessenta anos a deixavam apreensiva ao caminhar na penumbra pelas ruas do próprio bairro onde morava.

Se tivesse que correr o que seria possível fazer? As sinuosas ladeiras do seu bairro operário já eram difíceis de descer devagar com os saltos altos; fugir correndo então, seria mais difícil. Até a chegada à

avenida principal havia dois estabelecimentos comerciais abertos e algumas luzes acesas num trajeto de pelo menos seiscentos metros. Nas ruas menores havia poucas pessoas, e quanto mais se aproximava das ruas principais era possível encontrar mais gente caminhando cedo para o trabalho.

No último quarteirão antes de chegar à maior claridade era necessário, como sempre, avançar um passo mais longo ao deixar o meio-fio para evitar a costumeira poça de água suja resultante da lavagem do bar rua acima no fim da noite. Aprendera a poupar seus sapatos do estrago da água suja até onde podia. Os sapatos são sempre a peça mais cara de toda a roupa e os que têm a vida útil mais curta, e hoje ela escolhera os sapatos mais adequados a seu objetivo. A calça que usava hoje, especialmente escolhida, de certa forma também dificultava aquele passo mais longo.

Sempre havia um alívio ao atravessar o cruzamento daquela poça; vinte metros à frente a rua era iluminada pelas luzes da Padaria Esmeralda e alguns operários a caminho do trabalho se reuniam para o desjejum, outros para o primeiro copo de pinga do dia. Os mesmos comentários de sempre, os mesmos elogios em termos não tão corteses eram quase sempre repetidos quando ela passava em frente à padaria. Particularmente naquele dia ela tinha certeza de que despertaria mais comentários do que nos demais dias da semana. De qualquer forma os gracejos significavam a chegada à zona de segurança onde o risco de violência começava a diminuir.

Agora parada junto ao ponto de ônibus em companhia de mais algumas pessoas, Rosa Santos podia voltar a pensar na mensagem de texto enquanto saboreava a sensação agradável produzida por cada veículo que passava deslocando vento sobre seu cabelo molhado. De novo era o dia do circo dos malucos. Ao menos havia o ponto muito positivo, para o qual ela pretendia trabalhar pelos resultados *hoje*.

Às 5h36 o ônibus Metrô Barra Funda chegou ao ponto, e um rapaz subiu as escadas antes que Rosa e outra moça pudessem chegar a ela. Felizmente havia assentos vagos ainda naquele trecho do trajeto e, como seu destino seria no ponto final, Rosa pode sentar-se e voltar a seus pensamentos.

O metrô já fora um confortável meio de transporte, antes que a maioria das pessoas se habituasse a ele em lugar dos ônibus, segundo dizia seu pai. Rosa tentava imaginar aquele apertado vagão estando vazio, dispondo até mesmo de assentos vagos como há vinte anos. Não lhe era possível tentar mensurar o tamanho de cada vagão porque só os conhecia lotado de pessoas mais altas que ela.

A Estação da Sé a fazia lembrar de um filme futurista que assistira na infância e lhe dera muito medo: o mundo se tornara tão populoso a ponto de não haver espaço para as pessoas caminharem nas calçadas. O futuro previsto no filme havia chegado, ao menos naquela estação. A estação era onde se encontravam as linhas que cruzavam

a cidade de leste a oeste e de norte a sul, sendo passagem obrigatória para quase todos os que se deslocavam entre os extremos da cidade. As escadas rolantes eram desligadas naquele horário de maior movimento, de forma a fazer com que as pessoas chegassem mais lentamente às plataformas de embarque, onde as filas se estendiam até tocar a parede do fundo. As portas dos vagões se abriam inicialmente em um dos lados para a saída dos passageiros que desembarcavam, e após alguns segundos eram abertas no outro lado para a entrada dos que embarcavam.

Naquela manhã Rosa estava com sorte; conseguiu embarcar no segundo trem, como sempre quase sendo esmagada pela multidão que invadia os vagões como se aquele fosse o último deles que os levaria para a esperança de salvação do fim do mundo.

Após mais uma mudança de linha, algumas estações à frente, e desta vez com um pouco menos de movimento, Rosa finalmente alcançou as escadas rolantes que a levaram de volta à superfície, emergindo para o dia já claro na Avenida Paulista.

Ali o mundo parecia diferente: a larga calçada plana oferecia espaço de trânsito até mesmo para a multidão que caminhava apressada. Era uma multidão diferente do mundo ao qual estava acostumada até a tão pouco tempo. Jovens usando ternos com cortes modernos e carregando pastas de notebooks aqui podiam ser vistos; moças elegantes em suas roupas impecáveis, habituadas a desfilar naquela passarela, a maioria com celulares colados ao ouvido.

Mas também havia dos seus ali: secretárias, porteiros e funcionários de limpeza podiam ser reconhecidos por um padrão que Rosa não sabia exatamente definir, mas podia identificar.

O trânsito já era intenso na avenida além do meio-fio, através dos espaços entre a parede formada pelos ônibus era possível ver amostras de uma frota diferente daquela que existia na sua parte da cidade. A cada entrada para as garagens dos edifícios era comum ver carros novos atravessando a calçada. Tão cedo ainda eram incomuns os carros maiores com passageiros no banco de trás. *Os chefões só vão acordar daqui a pouco*, pensava enquanto dobrava a esquina em direção à última quadra até o destino final.

O edifício de consultórios onde trabalhava já apresentava grande movimento às 7h00, diferente daqueles dedicados ao mercado financeiro. Consultas agendadas para muito cedo, exames laboratoriais em jejum e avaliações trabalhistas periódicas já movimentavam o saguão de entrada.

Evitando o balcão de identificação Rosa desbloqueou a roleta de entrada com seu crachá e viu seu segundo lance de sorte do dia, ainda tão cedo: o elevador acabava de abrir as portas, engolindo a pequena fila de pessoas que aguardavam e reservando espaço para que ela e mais duas pessoas que vinham atrás entrassem. Se a sorte do dia continuasse hoje ela se daria bem.

No sétimo andar finalmente pôde abrir a porta e sentir o primeiro momento de tranquilidade do dia. Um trem de metrô mais cedo e uma espera de cinco minutos a menos no elevador lhe permitiriam alguns instantes a mais antes de começar o dia.

-Bom dia! – disse a moça que fazia a limpeza da clínica, saindo de uma das salas de consulta – já liguei no Lico e pedi o pão; deu R$2,50, e o café está coando. E desapareceu na outra sala.

-Bom dia, Cleide; obrigada – respondeu Rosa ao mesmo tempo em que ligava o primeiro computador embaixo de sua mesa na sala de recepção. Em seguida começou a ligar os computadores de cada consultório.

Alguns tediosos instantes se passaram até que a tela do monitor do consultório 2 finalmente apresentasse a mensagem sobre o fundo escuro: "ligando em modo de segurança".

*Outra vez! Essa porcaria vai dar pau de novo?!*

**3**

05h10. Através da fumaça bruxuleante o monitor exibia as imagens da mais recente inundação na Ásia ladeadas pelo texto com informações em números frios de mortos, deslocados, prejuízo em milhões de dólares e as promessas de envio de ajuda.

O próximo link: "Atentado no México mata três policiais e dois civis"; o seguinte: "Trinta são presos após confronto em Seul"; depois: "Gaza conta os mortos e Oslo pede explicações".

Paulo Bento voltou à janela do editor de textos e permaneceu mais alguns instantes refletindo diante das últimas palavras escritas na véspera, apenas algumas horas antes. Fazer alguns intelectuais compreenderem talvez fosse fácil; difícil talvez fosse encontrar a solução.

Acima dele todos dormiam, lhe fornecendo parte dos poucos instantes de tranquilidade e privacidade para interpretar os dados e organizar as ideias na mente ainda cansada. A compensação da insônia algumas vezes era a produtividade, quando resistia ao desejo de visitar as páginas do futebol.

A cafeteira ao longe silenciou e Paulo preguiçosamente se levantou bocejando para se servir da primeira xícara de café. Seria essa a causa de seus males? A última xícara teria sido há apenas cinco ou seis horas?

Pousando a xícara na escrivaninha ao lado do cinzeiro reparou que o primeiro cigarro do dia havia queimado intocado pela metade de seu comprimento enquanto refletia e se servia de café, deixando um cilindro de cinzas atado ao filtro. Automaticamente acendeu o segundo cigarro do dia e abriu a segunda janela do editor de texto para as anotações em frases soltas dos eventos que interpretara nas notícias.

Uma hora e dois cigarros depois o sol já clareava a pequena biblioteca e Paulo salvou seus textos e fechou todos os programas. A hora de paz acabara.

Tentou atravessar o quarto na penumbra o mais silenciosamente que podia em direção ao banheiro enquanto observava Ângela deitada de lado no lado dela da cama e virada para o lado de fora.

-Você estava no computador desde as cinco horas de novo?! – sem qualquer movimento do corpo na cama Ângela prosseguiu com a bronca: -A que horas essas desocupadas acordam? Ou era mais uma do hospital que ao invés de trabalhar fica na Internet procurando marido?

-Eu estava lendo as notícias -respondeu Paulo entrando no banheiro sem olhar para trás.

Lá dentro talvez fosse o outro único momento de privacidade do qual dispunha. A água quente caindo abafava todos os outros ruídos e o som ritmado e constante lhe permitia intimidade com seus pensamentos. Talvez Ângela ainda estivesse falando sozinha no quarto, classificando alguns adjetivos para todas as mulheres que Paulo conhecia, e também para as que não conhecia. Tudo isso porque ele ficou sentado ao computador na noite anterior, até tarde.

Ao deixar o banheiro o quarto já estava vazio e silencioso. Pôde se vestir em paz e descer para a cozinha.

Ao passar pela biblioteca não resistiu ao irônico desejo de inspecionar o monitor do computador. Sim, a proteção de tela estava desativada, indicando que Ângela estivera bisbilhotando, só encontrando sua própria foto abraçada aos filhos fazendo plano de fundo.

Na mesa da cozinha Ângela já estava sentada com seu robe cor-de-rosa longo, servindo duas xícaras enquanto tentava disfarçar o semblante que misturava a fúria do ciúme com a frustração do flagrante fracassado minutos antes. O computador dela já estava ligado sobre a mesa.

-Você vem tarde hoje? -ela perguntou como se nada tivesse acontecido.

-Todas as terças-feiras termino próximo às 18h00. -Paulo respondeu alongando as sílabas -Achou o que queria no computador?

-Você sabe que eu não mexo no seu computador.

-É mesmo; eu vi que não mexeu. Acho que poderemos incluir você no projeto.

-Deixe de ser bobo! Eu não vigio a sua vida!

-Notei que não. -E se concentrou em comer o desjejum. Tentar abrir o jornal que a empregada deixara sobre a mesa seria inútil: Ângela não permitiria que ele lesse até a terceira manchete da primeira página. Enquanto comia Paulo ouvia ao longe alguma coisa sobre o dia de levar as crianças ao médico.

Ao levantar-se da mesa tinha a sensação de que o dia já começava pesado demais. Na biblioteca reuniu todos os objetos que faziam parte do vai-e-vem diário e acomodou todos na pasta, sempre fazendo o inventário contando cada item e acomodando-o no espaço que ficava vazio após sua retirada na véspera.

Na saída da garagem, como sempre Ângela o aguardava ao lado do carro para se despedir, sempre cobrando o beijo.

Aquele seria mais um dia longo, uma subtração aritmética simples da noite curta. Mais um dia prejudicado pela insônia da véspera; e ainda era terça-feira...

No caminho sempre havia a oportunidade das novas ideias enquanto dirigia mecanicamente. O trajeto em contrafluxo pela Avenida Radial Leste lhe inspirava um pouco de melhora no humor ao observar a imensa fila de carros parados na pista para o outro sentido à sua esquerda, obliterando completamente todas as faixas de rolagem da avenida. Morar na região central da cidade e trabalhar em um bairro mais afastado era desconfortável, mas a situação oposta lhe parecia impraticável: morar em um bairro afastado e trabalhar no centro gerava à população uma perda de até cinco horas diárias no deslocamento.

O rádio noticiando o evento dos noruegueses o trouxe de novo ao planejamento de suas ideias; aquele drama se enquadrava no projeto e hoje Carlos daria andamento a ele. Dobrando uma esquina se deslocou mais dois quarteirões e chegou ao estacionamento.

Ao entrar no hospital todos os pensamentos de planejamentos eram interrompidos já nos primeiros passos: o funcionário da recepção o aguardava com o bilhete do recado do diretor sobre mais um paciente VIP internado; o tempo de parar na recepção foi o suficiente para que uma paciente cujo nome não se recordava o abordasse para se queixar de que não conseguira um encaixe de consulta para aquela semana.

Após orientar à paciente para agendar a consulta no setor de marcações, Paulo conseguiu desaparecer no corredor em direção à sua sala. Enquanto abria a pasta para a nova descarga dos mesmos objetos, observou a lista de recados sobre a mesa: sempre a mesma solicitação dos relatórios aos planos de saúde, pedidos do diretor e de conselheiros e as solicitações de retorno de ligações telefônicas de pacientes, sempre os mesmos pacientes.

Vestindo o avental Paulo subiu um lance de escadas que o levaram ao corredor das enfermarias do SUS. Um longo corredor de um branco ainda quase impecável dava acesso a doze portas numeradas de 101 a 112; no centro de um dos flancos do corredor ficava o recuo para o posto de enfermagem, guarnecido por um balcão ao redor do qual estavam os quatro médicos residentes que aguardavam por ele. Todos riam alto de alguma piada, aparentemente ignorando o fato de que todas as portas das enfermarias estavam abertas, e mesmo que estivessem fechadas o som da gritaria seria ouvido por todos os pacientes internados.

Ao notarem a aproximação do preceptor três deles se aprumaram, sendo preciso que um deles cutucasse o braço do último residente para que este se desse conta de sua presença e parasse de rir. Era sempre o mesmo rapaz em seu indefectível uniforme que constava de um avental amassado jogado por sobre a camisa pólo combinada com a calça jeans e o tênis.

-Bom dia, pessoal. Prescrições feitas? –todos assentiram- quantos casos novos?

Nesse momento seu telefone celular tocou. Em um suspiro Paulo pediu licença aos rapazes, em parte agradecendo a si mesmo por ter trocado o som do toque eletrônico pela Nona Sinfonia quatro dias antes, o que parecia aborrecê-lo menos a cada chamada inconveniente.

Era Rosa.

**4**

Rosa e Cleide terminavam o desjejum na copa aos fundos da clínica no sétimo andar; o tradicional pão frito na chapa e copo de leite adicionado ao café feito lá mesmo minutos antes.

-Há uma semana eu estou avisando que aquele computador vai provocar problemas. Você sabe quem o desligou ontem?

-Quando eu saí estava tudo ligado –respondeu Cleide- a Yara ficou sozinha para fechar tudo. Acho que depois que todo mundo sai ela fica por uma hora brigando com o namorado no telefone.

-Deixar a Yara sozinha é a pior coisa que eles estão fazendo. Eu acho que ela desliga tudo nos interruptores sem sequer mexer nos computadores. Antes de desligar a força naquela caixinha que fica no chão, precisa desligar o computador e fechar os programas. Hoje quase não consegui ligar o computador e acessar o programa de atendimento; daqui a pouco vai apagar todas as informações.

-E o que acontece?

-Apaga tudo e pode ser que a gente não consiga mais recuperar coisa alguma. É a mesma coisa que rasgar uma carta em pedacinhos, queimar tudo e jogar no lixo. Não haverá mais como recuperar.

-Fiz coisa parecida com uma carta de um namorado uma vez. O safado dizia que gostava de mim, mas a vizinha me avisou que ele andava se encontrando com a amiga da prima dele e...

-E se apagar do computador lá do consultório 2 –Rosa precisou cortar o discurso de Cleide- vai perder todo o trabalho que eles estão fazendo. Eu avisei o Dr. Paulo pelo telefone agora há pouco.

-Mas não tem o outro da sua mesa, que grava tudo? Aquele que tem que ligar primeiro e desligar por último? Minha comadre trabalhava em uma firma que tinha um assim, e a secretária, que não gostava dela, dava um jeito de o computador quebrar porque ela dava bola para o rapaz que ia lá consertar...

-Aquele grava tudo, Cleide; mas o problema é que o Dr. Paulo quer que o trabalho deles fique só no computador da sala 2! Ele colocou tudo no programa que não grava no computador lá na frente para ninguém ficar fuçando. E justamente o único computador que tem os dados armazenados é o que está tendo problemas e quase não ligou hoje!

-Falavam que em toda firma que tinha mulher bonita o cara soltava um fiozinho do computador para logo quebrar de novo e terem que chamar ele de novo...

-E não adianta explicar para a Yara! Também não adianta explicar para o Dr. Paulo que não se pode deixar a Yara sozinha porque ela é

lenta demais para entender as coisas! Eu não sei por que ele não manda ela embora!

-Não sei não! Teve uma vez que ela entrou na sala dele e fechou a porta quase por completo, deixou só uma frestinha aberta; os dois ficaram lá dentro pelo menos uns cinco minutos! Eu quero ver quando a mulher do Dr. Paulo descobrir, porque dizem que ela é ciumenta como...

-Eles dizem que guardam no pendrive e no notebook do Dr. Carlos, mas eu tenho certeza de que aqueles dois se atrapalham. O Dr. Carlos prometeu trazer hoje para gravar num CD. Mas ele precisa gravar com todos os dados atualizados *hoje*!

-Dr. Carlos, é Dona Rosa? Mas, por falar nisso, ainda bem que você me lembrou! Hoje eu preciso passar no camelô lá na Paulista; saiu o CD novo dos Cornos do Pagode. Esse chama *Eu Ouço Alto Pro Ricardão Ir Embora*.

-CD pirata?

-Ih menina! Sai muito mais barato e é a mesma coisa!

-Cleide, você sabia que cada CD pirata que você compra, ao invés de pagar lá para os seus Cornos do Barulho, paga para bandido e traficante?

-É Cornos do *Pagode!*

Enquanto Cleide se enfurecia com a troca de nomes Rosa voltou à sua mesa na recepção na entrada da clínica. Naquele horário começavam a chegar os pacientes com horário marcado para a fisioterapia e as consultas do Dr. Ernesto Rodrigues.

Rosa recolhia todas as carteirinhas dos planos de saúde e as alinhava por ordem chegada sobre a sua mesa em dois grupos: o da fisioterapia e o das consultas com o médico. Ao observar a diferença na extensão das duas fileiras ela se lamentava ao pensar em porque Dr. Ernesto não podia ser organizado como os demais: quase metade dos seus pacientes não constavam na agenda do computador e ela já sabia que as alegações de que ele autorizara a consulta sem marcação procediam. Ernesto não conseguia entender o conceito de *hora marcada.*

E para dificultar mais a situação o telefone começava a tocar repetidamente pela manhã. Naqueles dois anos na função Rosa desenvolvera a habilidade conversar com uma pessoa ao telefone e

marcar sua consulta ao mesmo tempo em que dava andamento à abertura do prontuário do paciente presente à clinica.

Até mesmo a habilidade de cortar os discursos longos de quem queria antecipar a ela o motivo da consulta que estava marcando, era algo que ela desenvolvera com uma facilidade que surpreendia a si mesma.

Naquele dia Ernesto havia exagerado; a fila se acumulava em ritmo maior do que ela conseguia dar conta, e enquanto a manhã corria rapidamente ela começou a se angustiar pela falta de tempo que lhe impediria de contatar os malucos da tarde para que não perdessem a consulta.

Sem se dar conta de que o horários das primeiras consultas já passara há muito, Rosa só retornou à realidade do relógio ao ser interrompida pela primeira paciente de Ernesto, uma senhora na casa dos sessenta e tantos anos com o aspecto do rosto recendendo claramente a uma cirurgia plástica, um odor de perfume em quantidade muito maior do que a necessária e um olhar vidrado. Ela queria saber a que horas Dr. Ernesto começaria a atender.

-Ah! Sim, Dona... Olga... ele já deveria ter chegado, mas eventualmente acontece uma urgência no hospital e ele é retido...mas já está chegando. Já passava de 9h45 e a agenda tinha a primeira consulta marcada para as 9h00. Naquela manhã ele estava ainda mais atrasado do que de hábito, provavelmente devendo chegar se desculpando pelo trânsito e por algum paciente internado em algum hospital de renome num bairro distante. Rosa sabia que na realidade ele estava dormindo até mais tarde. Naquele momento mais do que nunca ela queria ver Ernesto e Yara aparecerem diante dela.

Cinco minutos depois Ernesto Rodrigues abriu a porta, com sua imensa barriga, seu sorriso que aumentava o ar de idiota e sua desculpa do paciente grave que ele acabava de salvar no hospital, isso dito em voz muito alta para impressionar todos os que não tinham como não ouvi-lo sentados na sala de espera já lotada. Cumprimentou Rosa com um beijo no rosto que fazia salientar seu costumeiro mau hálito, fez um comentário sobre a roupa de Rosa e se dirigiu para o Consultório 3.

"Agora ele vai telefonar para umas três pessoas e falar alto e às gargalhadas enquanto a porta permanece aberta". E antes do

primeiro grito vindo do consultório Rosa se viu aliviada com a figura de Yara parada em pé à sua frente. A recepcionista que a ajudava a partir das 10h00 tinha um ar tão idiota quanto o do Dr. Ernesto, e rosa às vezes se perguntava se a idade de ambos não era compatível para serem pai e filha. De qualquer forma ela estava aflita com os prontuários a abrir, o telefone a atender e a pequena multidão que já se acumulava ao redor de sua mesa queixando-se do atraso no atendimento; bastava a primeira pessoa se manifestar para que todos os demais fizessem uma fila atrás com a mesma finalidade.

Deixando Yara alguns instantes sozinha na recepção, Rosa se levantou em direção ao banheiro dos funcionários. Ao voltar, a fila de carteirinhas permanecia exatamente do mesmo tamanho que deixara alguns minutos antes, até mais longa, enquanto Yara permanecia atendendo à mesma pessoa que atendia quando ela se levantou. E o telefone tocava. Rosa estava a ponto de gritar contra a incompetência da colega quando um grito atrás dela interrompeu todo o raciocínio:

-Rosameire, minha filha! Chame o primeiro paciente, Hahaha! –a voz alta e grosseira de Ernesto era inconfundível- e faça o seguinte: coloque mais um esperando nas outras salas para agilizar o atendimento, Hahaha!

Agilizar! Agora ele queria agilizar e invadir a sala dos colegas, deixando alguém sentado lá sozinho durante o tempo de duas consultas, aumentando ainda mais a impaciência.

-Chamo quem primeiro, Doutor? Está uma confusão aqui fora!

-Chame o primeiro que chegou, Hahaha! E ponha os seguintes nas outras salas, Hahaha!

Sala 2 não! O computador! Mais uma pessoa mexendo naquela máquina sem critério e ele poderia apagar de vez!

-Doutor, eu tenho ordem do Dr. Paulo para não fazer mais isso; ele não quer que deixemos paciente esperando sozinho dentro de consultório enquanto atende outras consultas.

-Então está bem, mas chame o primeiro Hahaha! E por falar nisso, essa sua calça é nova? Hahaha!

-Dona Olga, vamos entrar por favor! –a inconveniência de Ernesto era próxima ao insuportável, inclusive para inspecionar arquivos alheios em computadores.

Finalmente Ernesto fechou a porta e Rosa pôde sentar-se ao lado de Yara para continuar a dar conta dos prontuários a abrir, do telefone, e agora de confirmar as consultas de Carlos. Mas antes lembrou-se de um detalhe a perguntar:

-Yara, você tem desligado os computadores *direito* antes de ir embora à noite?

-Hã?!

**5**

Terminada a visita aos quase quarenta pacientes internados, Paulo tentava compreender a insensibilidade de alguns rapazes em tecer comentários sobre a gravidade e o prognóstico de alguns casos à beira do leito do paciente. Alguns de seus alunos, vício herdado de alguns professores do curso de graduação, pareciam ignorar que a pessoa que ali estava deitada aguardando um tratamento ou se recuperando de uma cirurgia era também um ser humano e não somente um simples objeto de trabalho ou estudo.

Ao contrário de alguns colegas, Paulo conduzia seus alunos a cada leito, cumprimentava o paciente e pedia ao residente responsável pelo leito a descrição do caso. Após algumas perguntas pertinentes feitas ao paciente ou ao residente ele esclarecia ao paciente o que deveria ser feito, traçava as anotações em sua prancheta, se despedia do paciente e passava ao leito seguinte na mesma rotina. Ante as perguntas inadequadas feitas pelos rapazes, que incluíam expressões como "lesão", "tumor" e "sequela", ele apenas sinalizava num discreto gesto em direção à porta, que os mais atentos já haviam aprendido que significava "lá fora falaremos". Ele também evitava o hábito de muitos colegas em chamar a atenção dos residentes aos erros que estavam cometendo, diante do paciente de quem cuidavam todos os dias, embora aquele rapaz do tênis e do avental amassado com frequência lhe inspirasse o desejo de fazê-lo.

Apesar de toda a tecnologia moderna à qual procurava se atualizar sem grande defasagem, Paulo ainda achava mais prático fazer as anotações na boa e velha folha de papel numa prancheta, porque os teclados dos computadores de mão ainda representavam um desafio aos seus dedos largos e sua eterna lentidão na arte da digitação.

Terminado o tour por todas as enfermarias, Paulo levou seus rapazes de volta ao posto de enfermagem, onde todos o rodeavam e os casos já adequadamente encaminhados e em fase de tratamento eram rapidamente mencionados. Os casos novos e os mais difíceis eram deixados para o fim e discutidos em mais detalhes. Felizmente estavam no meio do mês de agosto e os residentes já mostravam mais conhecimento, o que minimizava a quantidade de perguntas a serem respondidas.

O comportamento dos rapazes, cada um vindo de uma faculdade de medicina diferente da Grande São Paulo e do Interior do Estado lhe faziam pensar no que estaria reservado para o futuro da Medicina. A especialização era necessária devido ao acúmulo de conhecimento médico muito grande. Ninguém seria capaz de deter todo o conhecimento médico, como os personagens de histórias de um século atrás; Paulo desistira dessa intenção vinte e cinco anos antes durante a faculdade, ao perceber que no mundo moderno existiam duas medicinas totalmente diferentes: a clínica e a cirurgia.

Ele agora notava que os mais jovens começavam a ver as pessoas que tratavam não mais como um indivíduo dotado de sentimentos, mas tão somente como um segmento do corpo. Uma pessoa era descrita por eles como um joelho, outra como braço. Parecia que ninguém mais dava a necessária atenção ao aspecto global de um paciente, principalmente seu estado mental.

Para alguns rapazes indicar a cirurgia mais moderna sobre a qual haviam estudado era o resumo de seus objetivos na medicina, mais ainda na Ortopedia, onde a cada dia apareciam novos artefatos para implantes. Para eles o importante era o novo parafuso que seria usado no tornozelo; o apêndice com um coração e sentimentos que acompanhava o tornozelo era um detalhe sem importância.

De tempos em tempos aparecia um residente diferente naquela enfermaria. Quase quatro anos antes um jovem recém-formado aparecera naquele grupo de novatos; chamara-lhe a atenção por estar vestido impecavelmente de branco, em contraste com os aventais combinando com os tênis de seus demais colegas.

Logo nas primeiras semanas Carlos confirmou a primeira boa impressão que despertara em Paulo; a maneira como tratava os pacientes como pessoas doentes ou acidentadas e seu

comportamento diante dos demais funcionários. Durante as reuniões didáticas, na privacidade da equipe médica, ele se comportava como igual com os colegas, acompanhando as piadas e comentários sobre a beleza de alguma enfermeira, mas ao sair da privacidade e assumir seu papel de profissional se transformava em segundos para se comportar de acordo com a situação em que estava.

Já havia se passado metade do período de treinamento do rapaz quando, durante uma cirurgia, um comentário sobre a recuperação daquele paciente para o futebol iniciou o projeto. A ideia de tantos anos finalmente havia sido posta em palavras.

Após quase vinte anos a teoria de Paulo, tantas vezes desprezada em conversas científicas, era espontaneamente exposta por seu aluno. Ali haveria futuro.

Após delegar algumas condutas e as altas hospitalares do dia, Paulo deixou os alunos em suas tarefas seguintes na enfermaria. Ao passar pelo elevador em direção à escadaria notou um funcionário do almoxarifado, um rapaz de uns trinta anos, parado aguardando o elevador que descia. "Por que as pessoas perdem tanto tempo esperando o elevador para *descer um andar?!*"

No térreo, do outro lado do edifício, ficava a ala dos pacientes internados por via particular ou de planos de saúde. A maioria deles ficava sob cuidados do restante da equipe da Ortopedia, mas alguns VIPs sempre faziam o diretor requerer a presença de Paulo. Ele conversou com o rapaz internado por uma fratura no tornozelo e explicou a cirurgia e o tratamento com facilidade ao paciente. A parte difícil foi tentar esclarecer à mãe do rapaz que os implantes usados na cirurgia não são produtos tóxicos, e que a anestesia aplicada a um rapaz de vinte e poucos anos não era uma loteria em que metade dos pacientes submetidos a ela morriam.

Felizmente só havia um VIP naquele dia.

Chegando à sua sala encontrou mais dois recados sobre a primeira pilha. Aborrecido com a burocracia, o que não era o seu forte, separou as pilhas de recados por tipo, acessou o texto padrão que usava no computador para os mesmos relatórios de sempre para justificar aos planos de saúde o consumo de materiais de implante cirúrgico e os mesmos relatórios para justificar as prorrogações de

internações. Mantinha o texto pronto porque as solicitações eram sempre as mesmas; deixava apenas uma lacuna para os dados próprios de cada paciente.

Enquanto tudo era impresso para ser assinado, checou o segundo grupo, o dos recados telefônicos. Naquele dia todos eles eram pedidos de retorno de ligação de pacientes que tinham dúvidas sobre seus tratamentos, os mesmos pacientes de sempre. Um a um assinalou manualmente "oriente marcar retorno". O dia não havia começado bem e sua paciência estava perto do fim.

A última pilha era a das solicitações; um conselheiro queria uma consulta para o dono da rede de supermercados do bairro, e o diretor pedia uma antecipação de cirurgia para a mãe de sua empregada. A paciência diminuiu um pouco mais.

Assinou os impressos dos relatórios e escreveu rapidamente a mensagem para a secretária no computador informando estar tudo na mesa. Percebia seu cansaço de acordo com o número de erros que cometia ao digitar, e naquele momento aceitou enviar a mensagem com duas ou três letras trocadas.

Saiu em direção ao corredor dos consultórios, tendo que atravessar novamente o saguão da recepção procurando caminhar o mais rápido e com a expressão mais fechada que podia para desestimular qualquer nova tentativa de abordagem.

Às terças-feiras seu ambulatório sem os residentes era destinado aos casos encaminhados. Não bastasse a agenda sempre lotada haviam sempre os pedidos de consultas encaixadas, que Paulo tentava limitar ao mínimo possível. Diretores, secretárias e outros administradores pareciam não compreender que cada consulta a mais na agenda obrigava o médico a roubar minutos preciosos de cada uma das demais consultas já marcadas com dias e até semanas de antecedência.

Os pacientes que atendia eram aqueles cujos casos ninguém conseguira solucionar, e principalmente aqueles cujo tratamento proposto era uma cirurgia, e agora procuravam o chefe da Ortopedia em busca de um tratamento que pudesse evitar a indicação da cirurgia. Casos crônicos por degeneração pela idade mais avançada, alguns sem possibilidade uma solução definitiva, outros com indicação cirúrgica indiscutível; a maioria querendo explicar detalhadamente

seus problemas e seu sofrimento, imaginando serem os primeiros a sofrerem com aquela doença a serem atendidos pelo médico em seus vinte e poucos anos de carreira.

O primeiro da lista era o Sr. Bernardo, o mesmo paciente de 66 anos que Paulo encaminhara seis semanas antes para a Neurocirurgia para o tratamento da coluna; já previa que ele diria: "o outro médico queria me operar, mas preferi voltar a tratar com o Senhor para evitar a cirurgia". Até o final da manhã a paciência teria acabado por completo.

**6**

Das dezesseis consultas, cinco faltas mais do que compensadas por oito encaixes, duas ligações de Sandra não atendidas e mais uma mensagem de texto com um versinho de amor, e Carlos conseguiu terminar seu ambulatório da manhã, tendo tido tempo para apenas uma visita ao banheiro, dois copos de água e um de café.

Estava feliz por ter conseguido melhorar a situação de sua agenda após conseguir barrar as consultas que tinham por motivação única a dispensa do trabalho. Há apenas dois meses o número de consultas extras quase dobrava o número de consultas em sua agenda, metade delas "justificadas" pela necessidade urgente de um relatório médico para comparecer à perícia médica no INSS no dia seguinte ou mesmo algumas horas à frente no mesmo dia. A redação do relatório ocupava mais tempo que a consulta.

Quando começou a observar, alertado por PB, que os solicitadores de relatórios nunca compareciam para consultas para o tratamento de suas doenças, Carlos começou a recusar o fornecimento dos relatórios a quem não estivesse efetivamente sob tratamento. Foi uma medida inicialmente um tanto difícil de colocar em prática, gerando vários conflitos que seu porte físico em parte ajudou a minimizar, mas os resultados do empenho foram notados rapidamente. Em poucas semanas o Dr. Carlos Vargas ganhou a fama de rigoroso demais na concessão de afastamentos, entre outros adjetivos menos carinhosos, e seu trabalho começou a ser direcionado a tratar doentes e não mais colaborar com dispensas de trabalho injustificadas.

Agora tinha tempo de pensar no restante do dia. O telefone quase sem bateria e o pendrive sem os dados. PB provavelmente iria matá-lo, mas talvez tivesse tempo de transferir os dados no meio da tarde. E *nela* também.

Tudo por conta do que considerava naquele momento o maior erro de sua vida: Sandra. Se ao menos ela o tivesse deixado em paz ao menos uma noite, teria tido tempo de gravar todos os dados. Enquanto voltava a guardar os objetos em sua pasta começou a se recordar da sequência dos fatos. Doze horas de plantão num prontossocorro público na véspera, onde o movimento às segundas-feiras era quarenta por cento acima do restante da semana, que já era muito grande; depois mais uma hora no trânsito para chegar a sua casa, onde sua mãe, entretida com a novela deixara o jantar sobre a mesa da cozinha para ser aquecido no forno de microondas.

Após o merecido banho, Carlos tinha imaginado que finalmente deixaria de ser solicitado por todos os lados após quinze horas, e finalmente ligou seu computador para checar seus e-mails e suas mensagens, e em seguida organizar os dados para o dia seguinte. Até que o telefone tocou...

Sandra tinha a capacidade de prever os momentos mais inoportunos para telefonar: geralmente após dias cansativos, e sempre para tentar reatar as boas relações depois de uma briga na véspera.

Havia sido assim novamente nos últimos dois dias, quando no domingo à noite Carlos a deixara em casa cedo para poder descansar para o plantão do dia seguinte e, como sempre, sua despedida às 21h00 foi seguida de protestos por desatenção e desamor. Seguiu-se uma discussão sobre responsabilidade de trabalho e direito a descanso e espaço próprio, sempre contraargumentados por Sandra como falta de amor.

A discussão lhe tomou uma hora a menos de sono na noite de domingo, e o novo telefonema na noite de segunda-feira lhe custou desta vez perda de horas de sono e de produtividade. Ela queria se desculpar pelo comportamento da véspera, mas voltou a cobrar a falta de atenção.

Agora finalmente a manhã terminara e Carlos teria uma hora para o almoço antes da cirurgia da tarde. A Assistência Médica Nacional mantinha dois grandes edifícios se encarando frente a frente na

mesma rua, de um lado o centro médico com oito andares e algumas dezenas de consultórios que tinham quase que toda a ocupação diária completa e as agendas preenchidas; do outro lado ficava o hospital com 250 leitos e ainda assim quase sempre lotado. A primeira transição de trabalho do dia consistiria apenas em atravessar a rua.

Levantando-se pesadamente e ouvindo aos apelos de seu estômago, Carlos retornou pelo corredor dos ambulatórios até a mesa da recepção, onde Alessandra e Edna ainda se mantinham atarefadas e aparentemente totalmente inconscientes do horário do almoço já alcançado. Alessandra mantinha o fone de um dos telefones ao ouvido enquanto segurava outro fone sobre a mesa, e Edna segurava um fone com o ombro enquanto escrevia manualmente com a mão direita e manuseava um mouse com a mão esquerda. As duas tinham a capacidade de agendar consultas pessoalmente e pelo telefone, abriam prontuários de consultas e marcavam as cirurgias no hospital, tudo isso quase ao mesmo tempo.

Foi necessário esperar por quase dois minutos para que Alessandra pudesse erguer os olhos para Carlos:

-Já terminou, doutor?

-Já... conseguiu agendar as cirurgias que pedi hoje?

-Só uma, a do punho; para o paciente do tornozelo eu vou conferir na quinta-feira se o convênio autorizou.

-E a de hoje à tarde está confirmada? –Carlos perguntou, no íntimo esperançoso para que algum contratempo tivesse forçado a suspensão da cirurgia, pensando em seu cansaço.

-Está sim, doutor; já ligaram do hospital confirmando a internação.

-Está bem, até a próxima, meninas! -E saiu descendo as escadas até o térreo.

O refeitório da empresa ficava no subsolo do hospital. Carlos mentalizou que a terça-feira feira era o dia de frango no cardápio e preparava-se para atravessar a rua quando o telefone tocou novamente, e era Sandra. Se não atendesse agora ela insistiria até que ele se rendesse, e no tom mais seco que encontrou atendeu ao telefone:

-Alô.

-Oi amorzinho; por que não me atendeu de manhã, nem respondeu à mensagem?

-Eu estava trabalhando! Tinha uma baita fila na minha porta, quase não consegui ir ao banheiro, e você quer que eu pare para falar o mesmo assunto de sempre com você?!

-Será possível que você não tem sequer dois minutos para falar comigo? Tudo na sua vida é mais importante do que eu!

-E, por falar nisso, você não deveria estar trabalhando de manhã?

-Ainda estou, você sabe que hoje eu só paro às 13h00, mas eu acho tempo para falar com você quando quero de verdade.

A ponto de quase jogar o telefone longe, Carlos não podia suportar o fato de Sandra saber cada passo profissional que ele dava ao longo da semana. A ele pouco importava onde e até que horas Sandra estava trabalhando, desde que o deixasse em paz.

-Está bem, agora por favor me deixe seguir para o almoço –Carlos tentou encerrar a conversa.

-Você ainda está magoado por ontem à noite? Eu não queria magoar você, só pretendia fazer as pazes pela briga de domingo.

-Eu estou ficando sem bateria no telefone, estou com fome, e quero que pelo menos durante um dia da minha vida você pare de me ligar sem parar! Eu preciso respirar!

-Mas você sabe que eu te amo; eu sinto necessidade de falar com você todos os dias.

-Já falou hoje? Então tenha um bom dia! -E desligou o telefone sem aguardar resposta.

Ele sabia que naquelas condições ela demoraria algumas horas a mais para voltar a telefonar.

Como é que tinha conseguido se meter naquela situação? Tinha namorado quatro moças antes de conhecer Sandra no início da faculdade, nunca se sentindo completo com nenhuma delas. Estavam nos últimos meses da faculdade e, após quase seis anos de convivência apenas como bons colegas Sandra lhe chamou a atenção. Não sabia por que, talvez a solidão estivesse lhe alterando os sentimentos e prejudicando o julgamento, mas não pôde ver os reais defeitos de Sandra antes de conhece-la mais intimamente e se deixou apaixonar.

Como em todo romance, os primeiros tempos são maravilhosos, mas com Sandra esse período tinha sido curto, porque nas primeiras semanas ela começou a se mostrar possessiva e pegajosa demais,

querendo sempre estar presente em todos os aspectos da vida de Carlos, e querendo que ele fizesse o mesmo por ela.

Ela logo começou a desdenhar dos gostos e preferências dele, ao mesmo tempo em que não admitia o desrespeito por parte dele dos valores que ela tanto prezava.

Por diversas vezes romperam. E por diversas vezes Sandra insistiu a assediou Carlos até que ele reatasse sob promessas de que ela iria mudar. Mudava por alguns meses e sempre recomeçava depois.

Ela tinha algumas qualidades nos momentos mais íntimos, e Carlos tinha algum tipo de afeição por ela que apesar de tudo não lhe permitia abandona-la.

Mas nos últimos quatro meses ele sentia a situação se agravar em seu coração, e sabia porque.

Carlos atravessou a rua e usou seu privilégio de entrar no hospital pela porta da frente, tomando algumas passagens e corredores que o levaram até o hall dos elevadores. Ao abrir a porta que dava para a escadaria notou um grupo grande de funcionários aguardando o elevador, sempre muito demorado como em qualquer hospital. Todos pareciam se dirigir ao subsolo, um andar abaixo.

Após deixar sua pasta no aparador junto a uma das paredes, ele entrou na fila do bandejão e foi servido, hoje com filé de frango à milanesa e batatas assadas. Encontrou uma mesa onde estavam sentados dois colegas médicos, e o assunto já estava em andamento, e sentou-se junto deles. Os dois debatiam em voz alta, alta demais para o ambiente, os atributos físicos de algumas médicas e funcionárias que circulavam pelo refeitório. Um tanto encabulado com o teor da conversa e as expressões usadas, Carlos se limitou a participar da conversa apenas com sinais de concordância com a cabeça enquanto comia. Alguns comentários dos colegas lhe produziam certo frio no estômago quando antecipava a parte final de sua tarde.

Encerrado o almoço, tendo começado depois e terminado antes dos colegas que usavam a boca mais para falar termos chulos do que para comer, Carlos teve que abrir mão da escada para chegar ao centro cirúrgico no quarto andar, aceitando a longa espera pelo elevador.

Ao chegar à entrada de pessoal do centro cirúrgico Carlos se identificou ao funcionário responsável pela recepção, e este lhe forneceu uma chave do armário do vestiário e o conjunto de roupas. No mesmo corredor, metros à frente do balcão onde ficava o funcionário se abriam as duas portas dos vestiários masculino e feminino. Lá dentro encontrou o armário correspondente ao número da chave que lhe fora dada e lá deixou sua pasta e os pertences dos bolsos. Trocou suas roupas pelo conjunto de camiseta e calça elástica de algodão muito folgados que mais pareciam um pijama verde-limão, amarrou o gorro de papel descartável à cabeça e calçou os propés elásticos cobrindo totalmente seus sapatos.

A porta interna do vestiário dava para o corredor das salas de cirurgia, longo e imaculadamente limpo, onde circulavam todos em condições que maravilhariam qualquer radical defensor da igualdade absoluta: todos os médicos cirurgiões, anestesistas, enfermeiras e demais funcionários circulavam com as mesmas roupas verde-limão, sendo impossível distinguir a função de cada um até que se conhecesse a pessoa.

No final do corredor ficava a sala de conforto médico, onde alguns sofás e um grande aparelho de TV de 40 polegadas faziam jus ao nome da sala. A caminho da sala Carlos se deteve no posto de enfermagem para informar à escriturária do setor a sua chegada, pronto para operar seu paciente, e se dirigiu à sala de conforto, servindo-se de um café longo e forte na máquina automática assim que entrou.

**7**

Todas as consultas atendidas, inclusive o Sr. Bernardo, a quem acreditou ter convencido a consultar novamente o neurocirurgião, Paulo recostou-se na cadeira do consultório aguardando a recepcionista do hospital aparecer. Lembrou-se de reconectar o plug ao telefone do consultório e ligar o seu celular. Após duas chamadas no celular e quatro no telefone fixo enquanto atendia às consultas, ele havia desligado ambos.

De maneira infalível a recepcionista entrou no consultório com uma nova solicitação de relatório para cirurgia, nos mesmos moldes das

solicitações de sempre. Parecia que ela estivera esperando atrás da porta pela saída do último paciente.

A manhã de terça-feira finalmente havia terminado. O ambulatório que atendia naquele dia parecia cada vez mais insuportável. Uma longa sucessão de Bernardos lhe aborrecera com queixas de que não aceitavam seus diagnósticos e queriam que Paulo inventasse uma cura para seus males. Outros Bernardos acreditavam que, por ser o chefe da Ortopedia do Hospital Dr. Wertheimer, o mais conceituado hospital misto do Tatuapé, Paulo Bento seria capaz de solucionar de forma miraculosa todos os casos insolucionáveis de dores crônicas em pessoas que não admitiam a idade que tinham e não aceitavam o fato de que algumas fraturas tinham seu mau resultado decretado a partir do instante do acidente, independente do tratamento que fosse aplicado.

Aquela legião de insatisfeitos tinha o agravante de ser composta na maioria por pessoas com alterações psiquiátricas de comportamento que, ao mesmo tempo que as levavam a procurar tratamento por não se conformarem com seus diagnósticos, também os tornava tipicamente viscosos e difíceis de lidar durante a consulta. À maioria Paulo orientava a procura também de um psiquiatra, sempre explicando a diferença entre loucura e outros transtornos, a alguns convencendo e a outros não.

Finalmente era hora do almoço e Paulo pôde despachar rapidamente a recepcionista e se levantar sem dar tempo para que mais alguém o abordasse e atravessou o saguão e corredores em direção a sua sala tentando manter a mesma expressão fechada e ar de pressa de antes. Desfez-se de seu avental e deixou rapidamente a sala para, ao sair ao corredor, ter talvez a primeira visão agradável do dia.

Calmamente vinha caminhando com sua bengala o velho Dr. Roberto Diniz, disparando a Paulo o mesmo sincero sorriso de sempre. Num dia como aquele a visão de Roberto parecia exercer um efeito mais positivo do que habitualmente. Num terno impecável que incluía o colete, tudo encimado por um caprichoso cavanhaque branco combinando com os cabelos ainda cobrindo toda a sua cabeça, Dr. Roberto parecia irradiar uma aura de bem-estar a todos os que passassem por perto. Paulo parecia ser particularmente susceptível a essa aura.

-Bom dia, ou devo dizer boa tarde? – anunciou o velho estendendo a experiente mão direita.

-Tanto faz, Professor; as duas frases têm a mesma intenção de boa educação – e Paulo sentiu o seu primeiro sorriso naquele dia nascer em seu rosto.

-Como para mim particularmente é um "bom dia", estava justamente saindo para almoçar, e me agradaria que algum jovem me acompanhasse. O velho oferecia o convite em sua atitude característica: ereto como sempre e apoiando as duas mãos sobre cabo da bengala.

Lidar com velhos simpáticos parecia ser particularmente agradável naquela situação, principalmente quando chamavam às pessoas de "jovens" no momento em que já não sentiam mais a juventude, e Roberto não hesitou em tomar o braço de Paulo como apoio para saírem juntos à rua.

Havia momentos em que Paulo suspeitava se Roberto realmente necessitava daquela bengala, quanto mais o apoio do braço de um "jovem" para caminhar, todavia aquela real ou simulada fragilidade ajudava a criar ao redor do velho médico algum tipo de necessidade da proximidade das pessoas. Roberto já fora flagrado caminhando sem apoio e sem dificuldades em algumas situações.

Saindo à rua os dois atravessaram sem maiores dificuldades ao outro lado devido à bengala de Roberto e chegaram ao restaurante onde o Dr. Roberto almoçava ao menos três vezes por semana nos últimos vinte anos, sempre preferindo uma das mesas no centro do salão e distante das paredes. Calmamente, e sempre apoiando as duas mãos na bengala, Roberto aguardou que Paulo lhe puxasse a cadeira e se sentou agradecendo.

-Vai trabalhar muito à tarde hoje? – perguntou Roberto – Vou lhe sugerir que coma muita proteína; além do frango, hoje eles servem um excelente filé à cubana. Eu particularmente ficarei com uma salada, pensando no meu colesterol.

A sugestão era boa. Mal se sentaram e o garçom já estava sobre eles. Roberto apenas sorriu e cruzou as mãos sobre a mesa fitando Paulo interrogativamente.

-Filé à cubana, por favor... e suco de laranja ao natural; para o meu amigo uma salada... de que tipo? Paulo percebia a intenção de Roberto em lhe transferir a liderança da situação.

-... número quatro? – o garçom completou, já conhecendo a preferência de Roberto.

-Isso mesmo! E água mineral sem gás.

O garçom se afastava com os pedidos quando Roberto sem rodeios iniciou o assunto:

-A manhã não foi boa, não é? Seus olhos estão indicando um humor menos favorável hoje.

Roberto tinha sido o melhor professor que Paulo conhecera em toda a sua vida, quando ensinava Clínica Médica na faculdade. Sua capacidade de entrar numa sala de aula sem portar qualquer tipo de anotação, sem usar qualquer tipo de mídia existente na época e se limitar a usar o próprio carisma e entusiasmo valendo-se apenas do giz no quadro-negro conquistaram a admiração de Paulo desde os primeiros anos. Agora, aos 83 anos ele parecia manter o mesmo dom de atrair a atenção e compreender as pessoas com um único olhar.

-Terça-feira é dia de ambulatório pesado, do pessoal chato. E há alguns aborrecimentos particulares também. Estou acordado desde antes das cinco horas...

-A família pressionando, não é? Você chega em casa e não lhe deixam fechar a porta antes das solicitações do dia; qualquer pessoa com quem converse cria uma crise de ciúme na esposa; tem que ficar acordado até tarde para poder produzir...

-Está vigiando minha vida de alguma forma, Professor?

-É assim mesmo com todos, Filho. Filhos crescendo e esposa ciumenta fazem parte da vida de todos nós. Já não basta sufocarem você no trabalho e o sufoco fica pior ainda quando chega em casa, não é?

-Vai bem por aí. Hoje cedo eu estava reunindo algumas informações e a sequência foi sempre a mesma bronca por ciúme.

-E como vai o trabalho dos maníacos?

-Progredindo. O rapaz tem ajudado bastante.

O projeto era conhecido por Paulo, Carlos e Rosa, além de Ângela. Era um segredo hermético não compartilhado com ninguém. Exceto

evidentemente o Dr. Roberto Diniz, para quem qualquer tipo de confissão profissional era inevitável.

-Esse projeto é interessante, Paulo; mas vocês já pensaram em como é que vão colocar o assunto na prática? Eu digo, a solução para o problema tão complexo e tão amplo.

-Quanto a mudar o mundo? Tudo começa com uma ideia que conquista uma mente de cada vez e se espalha aos poucos. Leva tempo para ser reconhecida, mas alguém tem que plantar a semente.

-Interessante; eu também sempre pensei de forma semelhante ao seu projeto, mas nunca parei para estudar o assunto em detalhe. Minha especialidade sempre foi conquistar as pessoas.

*E como conquistava!* Quarenta anos antes Roberto Diniz ajudara a fundar a Casa de Saúde do Tatuapé a partir de uma pequena clínica, e mais com sua capacidade de agradar às pessoas do que com seu conhecimento técnico ele fizera o negócio prosperar. Mesmo depois da venda do hospital a outro grupo ele permanecera como chefe da Clínica Médica nos últimos quinze anos, já não cumprindo longas e exaustivas jornadas, mas sempre presente. Muitos temiam que se o velho clínico do bairro se aposentasse em fato o hospital fecharia as portas.

-Quando houver dados mais abundantes eu lhe mando as primeiras conclusões. Quer que encaderne?

-Por e-mail, por favor.

E o garçom chegou com as bandejas. Imediatamente Roberto mudou o assunto para futebol, conseguindo prender a atenção de Paulo por completo com o tema mais ameno.

Após deixar Roberto em sua sala e ouvir algumas palavras de otimismo em tom paternal, Paulo retornou ao estacionamento, agora podendo desligar o pensamento do Hospital Wertheimer.

Assumindo o volante finalmente conseguiu acender o primeiro cigarro em cinco horas, e sua preocupação passou a ser finalmente o telefonema de Rosa pela manhã: o computador da sala 2 estava dando problemas? Se perdessem os dados deveria haver um backup externo a ser feito logo, e Carlos prometera atualizar os dados para breve.

Ao início da tarde a Avenida Radial Leste era uma grande loteria. Tanto podia permitir a rolagem do trânsito a 70 km/h quanto estar parada a ponto de permitir que um pedestre a percorresse em menos tempo do que um automóvel. Naquele dia havia um meio termo, apenas com espera longa nos semáforos. O mais aborrecido foi o trânsito parado na Av. 23 de maio, já próximo ao destino na Av. Paulista.

Conseguindo chegar ao edifício de sua clínica pouco antes das 13h45 para uma agenda marcada a partir das 14h00, Paulo se sentiu orgulhoso de sua organização com o horário. O elevador o levou ao sétimo andar, no território onde ele podia estabelecer a sua rotina e as suas regras, atendendo a tantos quantos fosse possível dispensar um bom atendimento, sem encaixes desnecessários e cumprindo rigorosamente o horário de cada consulta.

Ao abrir a porta a primeira visão foi de um cidadão obeso vestindo uma bermuda de elástico quase debruçado sobre a mesa da recepção, atrás da qual estavam Rosa e Yara, com ar de poucos amigos. Mais além, no fundo da sala de espera, se aglomerava uma multidão maior do que o número de assentos disponíveis.

Paulo contornou a mesa enquanto disparava um olhar que significava um cumprimento sem sorriso ao cidadão obeso que incomodava as recepcionistas, e não se incomodou em cortar a fala queixosa dele chamando a atenção de Rosa:

-O que significa essa confusão toda?!

-Ernesto – Rosa respondeu ao mesmo tempo em que desviava os olhos para a sua direita, onde Yara estava sentada.

-Entendo; vou usar a sala 1, mas antes quero checar o computador da sala 2. O Ernesto deixou alguém esperando lá de novo?

-Não porque *eu* não deixei – Rosa novamente respondeu olhando na direção de Yara.

-Está bem. Vá até lá assim que possível; preciso falar com você com certa urgência – Paulo terminou a frase olhando diretamente para o cidadão obeso com o maior tom de censura que pôde encontrar.

**8**

O Dr. Paulo a salvara. Rosa estava a ponto de perder a educação que lhe restava diante do sujeito com maus modos que a estava importunando há quase cinco minutos, exigindo que ela interfonasse para o Dr. Ernesto para saber a que horas ele seria atendido. Aquele não era o primeiro paciente inconveniente do dia, assim sempre havia uma quantidade mínima de cinco inconvenientes a cada vez que Ernesto estava atendendo suas consultas. Levantando-se rapidamente Rosa murmurou um "com licença" e deixou o sujeito obeso falando sozinho. Nesse momento se lembrou que desde o início da manhã não tinha conseguido usar o banheiro.

Aproveitou o instante em que pôde se retirar para o banheiro e para um copo de água e outro de café. Aquela manhã fora outra daquelas terríveis. Não sabia se o que era pior era a bagunça habitual de Ernesto com o horário de atendimento, ou o convívio com o próprio Ernesto. Havia as queixas de todos os pacientes com hora marcada que eram atendidos com mais de uma hora de atraso, e as queixas dos pacientes sem hora marcada que não queriam esperar mais do que quinze minutos desde a hora em que chegavam. Rosa acreditava que ele de alguma forma sorteava o próximo a ser atendido, porque não compreendia por qual critério aleatório ele dava andamento à agenda.

Por outro lado havia a inconveniência do próprio Ernesto. Cada vez em que ela era obrigada a levar uma guia de consulta até a sala onde ele estava, já o fazia aguardando algum comentário do qual tinha certeza de que não gostaria. O primeiro comentário fora o da calça logo cedo, seguido mais tarde pela cor dos cabelos, e finalmente pelo pingente da corrente ao pescoço.

Após alguns instantes de paz entre o banheiro e a copa Rosa entrou na sala 2, onde Paulo Bento, sentado, fitava o monitor do computador com um ar apreensivo. Paulo não era exatamente o chefe mais bem humorado que Rosa conhecera e raramente arriscava qualquer tipo de piada, mas qualquer que fosse a situação, sua educação e modo gentil de tratar seus subordinados o transformava num homem simpático. O contraste com seu sócio que atendia na sala ao lado a impressionava: enquanto Ernesto caminhava desengonçadamente para os lados equilibrando uma imensa barriga e mantinha sempre um sorriso idiota preparando a próxima piada de própria autoria,

Paulo caminhava e se sentava com elegância e aprumo, tentando manter retificada a discreta protuberância do abdome. Sua constituição de tronco e ombros largos lhe davam uma aparência mais alta do que o pouco mais de 1,70 m de altura. Os cabelos grisalhos em cerca de 50% do total ainda cobriam toda a cabeça, e combinando com um rosto bem proporcionado, expressivos olhos castanhos e um queixo largo, davam a ideia de que ele fora um jovem atraente.

Já habituada ao convívio, Rosa notou que apesar do cuidado de sempre em combinar camisa e calça, e principalmente o cinto com os sapatos, naquela tarde ele estava sem gravata, o que indicava que saíra de casa de mau humor.

-Me dá licença, Doutor?

-Sente aí, e feche a porta, por favor – Paulo respondeu indicando uma das duas cadeiras do outro lado da mesa com um gesto simples de mão.

-O computador está funcionando? – Rosa perguntou enquanto se sentava e curvava o tronco e o pescoço para enxergar o monitor voltado para o lado de Paulo, sentado do outro lado da mesa.

-Abriu o programa de atendimento com a minha senha, mas está lento para rodar, e está abrindo devagar a pasta com os nossos arquivos. Você tentou entrar na Internet hoje?

-Entrei, Doutor; de manhã estava funcionando.

-E o Ernesto mexeu aqui?

-Não deixei. Como eu disse, ele queria atender um paciente em cada sala enquanto estava sozinho, mas eu pedi para seguir a sua orientação.

-Ainda bem! – Paulo recostou-se na cadeira – Esse cara é bagunceiro demais com tudo o que faz! Ele tem a sala dele e quer usar a dos outros para fazer bagunça também! Eu sempre falo que deixar o próximo paciente esperando sozinho na sala enquanto ele atende outra pessoa na sala ao lado não dá certo! A pessoa fica mais impaciente do que já estava enquanto fica esperando olhando para a parede! E o programa de atendimento fica aberto; se o sujeito que está aqui dentro sozinho tiver má intenção ele pode mexer no programa e acessar dados confidenciais de outros pacientes. E ele bagunçou muito a agenda hoje?

-Bagunçou. – embora não se sentisse à vontade em delatar alguém, Rosa tinha um sentimento de lealdade em relação a Paulo, e um sentimento de justiça ao se colocar no lugar das outras pessoas – Hoje ele mandou umas doze pessoas aparecerem sem marcar a consulta, chegou atrasado e atendeu por ordem de chegada. Aquele gordo que estava brigando comigo quando o Senhor chegou era um encaixe.

-E a Yara? Você já teve a impressão de que os dois são pai e filha?

Rosa não conteve um sorriso. Os cabelos castanhos claros penteados para trás de Ernesto, e os olhos verdes separados por um longo nariz e cobertos por lentes que além de muito grandes faziam aumentar o tamanho dos olhos, combinavam com o mesmo tom dos cabelos longos e lisos de Yara, penteados com a risca no meio; os olhos tinham exatamente o mesmo tom de verde e o rosto pálido e desgracioso estava sempre inexpressivo, dando à moça um ar de pouca inteligência. A diferença fundamental entre os dois era que os óculos de Yara tinham lentes pequenas que diminuíam o tamanho dos olhos.

-Já tive, Doutor. Os dois são parecidos, e parecem ter sido feitos para trabalharem juntos.

-Bem, se não fosse por ele nós teríamos mais dificuldade em conseguir pacientes para o projeto. Ele tem uma facilidade em conseguir atrair loucos como nenhuma pessoa que já conheci até hoje! –e pela primeira vez Paulo esboçou um sorriso.

-E sobre esse computador? Vamos chamar o técnico antes que ele pife de uma vez?

-Isso mesmo. Telefone para o técnico hoje, e eu vou pedir para o Carlos fazer o backup do trabalho. Já tem gente me esperando?

-Tem sim. Os dois primeiros já chegaram.

-Leve o paciente das 14h00 para a sala 1. E é perigoso deixar a Yara sozinha na recepção enquanto está cheio lá na frente. Ah! Peça à Cleide para me trazer um café, por favor!

-Sim Senhor. Me dê licença.

Rosa voltou à mesa da recepção. Encontrou Yara ainda atendendo à mesma pessoa que atendia quando ela saiu, agora atrapalhada ao procurar a data de validade no cartão do plano de saúde. O obeso de bermuda de elástico agora caminhava indo e vindo em frente à mesa.

Sem dar atenção a ninguém, voltou à copa nos fundos, abriu a porta apenas o suficiente para passar a cabeça e passou a ordem:

-Cleide! O Dr. Paulo está pedindo um café na sala 2!

-Com açúcar ou adoçante? Será que ele brigou com a mulher hoje? – Cleide respondeu enquanto tirava os fones do celular do ouvido. Podia-se ouvir de longe o ritmo dos Cornos do Pagode.

-Sei lá da vida dele com a mulher! Leve amargo com um sachê de açúcar e um de adoçante! –E fechou a porta.

Voltando à mesa, Rosa inclinou-se sobre o monitor sem se sentar e consultou a agenda. Chamou o paciente agendado para as 14h00, ofereceu-lhe uma caneta para assinar a guia de atendimento e o levou até o consultório 1, para em seguida voltar a sua mesa.

A tarefa agora, se Yara e os pacientes de Ernesto permitissem, incluía telefonar aos pacientes agendados para Carlos logo mais para confirmar o comparecimento às suas consultas.

**9**

15h20. Na sala de conforto médico do centro cirúrgico Carlos digitava apressadamente o relatório e os demais papéis referentes à cirurgia que terminara poucos minutos antes. Se tivesse conseguido começar a cirurgia na hora marcada, a teria terminado uma hora mais cedo e agora não estaria tão aflito com a pontualidade.

Ao decidir qual especialidade médica seguiria, entre o terceiro e o quarto anos da faculdade, Carlos ignorava o fato de que as cirurgias ortopédicas duravam em média muito menos tempo do que as cirurgias de outras especialidades. Quando entrou no centro cirúrgico, uma equipe de neurocirurgia tinha uma cirurgia em pleno andamento, e agora que Carlos se preparava para sair após terminar a sua cirurgia, a mesma equipe continuava a mesma cirurgia.

Teria corrido tudo bem não fosse pela ligação telefônica de Sandra durante a cirurgia. Enquanto operava Carlos não podia tocar com suas luvas de látex qualquer objeto que não estivesse esterilizado como os instrumentos cirúrgicos e os panos de algodão verde-limão que cobriam todo o corpo de seu paciente exceto a mão que estava sendo operada. Por isso seu telefone ficava sobre uma bancada na sala e quando tocava durante a cirurgia era atendido pelo técnico de

enfermagem que fazia a transição entre a equipe médica que operava paramentada com aventais e luvas esterilizados e o mundo não esterilizado ao redor.

-É "Sandra" –informou o rapaz segurando o telefone enquanto tocava.

-Pode atender –respondeu Carlos após alguns instantes de reflexão- e diga que estou no meio da cirurgia e não posso falar.

-Celular do Dr. Carlos –atendeu o rapaz-...ele está em cirurgia e não pode falar agora... Doutor, ela diz que precisa muito falar com o Senhor...

-Diga que eu ligo depois, pombas! Estou operando!

Um tanto amedrontado com a reação furiosa do cirurgião, o rapaz transmitiu a resposta ao telefone, escutou uma réplica murmurando um "sim, sim, sim, eu aviso", e desligou.

-Doutor, ela pediu para ligar assim que puder.

-Obrigado –e precisou de alguns segundos respirando profundamente para recuperar a concentração.

Agora, querendo que Sandra desaparecesse do planeta, Carlos seguiu apressadamente para o vestiário e seguiu todo o processo invertido, retirando as roupas do centro cirúrgico e voltando a vestir as suas. Rearranjou todos os objetos na pasta e nos bolsos e deu uma última espiada no espelho, preocupado com o estrago que o gorro havia feito em seus cabelos.

Do quarto andar até o térreo seria muito mais rápido pelas escadas, e assim Carlos desceu os quatro lances, chegando à calçada muito antes do que o faria se perdesse tempo esperando pelo elevador, e atravessou a rua em direção ao estacionamento do prédio em frente.

O trajeto que tinha de seguir era mais complicado naquele horário. Os semáforos da Avenida Paulista eram ainda mais dessincronizados no sentido de quem seguia para a Consolação do que no sentido contrário, e por isso o trânsito era muito moroso.

Às 15h53 conseguiu sair da Avenida Paulista na travessa em que estava seu destino um quarteirão à frente. Entrou na garagem e estacionou, seguindo em seguida para o elevador; hesitou alguns instantes olhando para a porta que dava acesso às escadas antes de chamar o elevador, e concluiu que para subir até o sétimo andar o

elevador seria a melhor opção, mesmo estando atrasado. Apertou o botão.

Assim que a porta do elevador se abriu ao chegar ao sétimo andar, uma certa sensação de frio tomou o estômago de Carlos ao pensar em quem iria encontrar em segundos, e isso lhe inspirou uma sequência de pensamentos que terminaram na fúria que Sandra tinha lhe provocado, e que por conta disso havia se desconcentrado de novo e esquecera de conectar o telefone ao carregador veicular durante o trajeto do hospital da AMN à clinica. Ficaria sem bateria antes do final do dia.

Abrindo a porta Carlos observou ao fundo alguns de seus pacientes e pacientes de PB aguardando na sala de espera mais ao fundo, e na mesa logo à entrada estavam as recepcionistas, e seu estômago gelou mais um pouco.

-Boa tarde, meninas! –Carlos cumprimentou timidamente, tentando parecer seguro e casual, mas algo o impedia.

Mais próxima da porta estava a moça de cabelos claros e lisos, olhos verdes e óculos de lentes grossas, que fitava Carlos com um permanente ar idótico, e a seu lado a morena de cabelos longos e levemente encaracolados, vários centímetros mais baixa que a colega e com um corpo bem delineado nas curvas que contrastava com suas feições um tanto rústicas, mas que eram bastante amenizadas pelo sorriso fácil que lançava para o recém-chegado, exibindo uma bela fileira de dentes.

Carlos não conseguiu sustentar o olhar de Rosa, ao mesmo tempo em que o frio em seu estômago quase o fez gaguejar ao perguntar lançando o olhar e as palavras para um ponto entre Yara e Rosa:

-O Doutor Paulo já está atendendo?

-Hã?!

-Já sim, Doutor; desde as duas horas no consultório 1 –Rosa respondeu enquanto Carlos olhava um pouco mais para o lado de Yara, mas o sorriso muito branco contra a pele muito morena de Rosa lhe chamava a atenção no cantinho da visão periférica.

Virando-se na direção de Rosa, mas fitando na realidade a mesa, Carlos ainda perguntou:

-Qual sala vou usar?

-A sala 2, como sempre. O computador já está ligado, mas teve problemas de manhã. –E o contraste do sorriso na visão periférica se acentuou.

-Obrigado. –E Carlos seguiu carregando sua pasta para o consultório 2.

Sentou-se atrás da mesa do consultório 2 e começou o ritual de sempre ao retirar os objetos da pasta, se surpreendendo consigo mesmo ao notar que após alguns instantes não sabia o que estava fazendo, mergulhado num mundo de sensações que há muito tempo não sentia. Ou nunca sentira. Agora, além do frio no estômago, sentia o coração pulsar com força no peito e transmitir o frêmito com muita força pelas artérias do pescoço. Tudo por conta de um sorriso.

Já deviam ter se passado alguns anos desde a última vez em que se sentira assim, durante uma grande paixão não satisfeita porque ele não conseguiu se aproximar da moça.

Aquilo acabou com sua autoestima e limitou sua vida os namoros sem graça e o prendeu na solidão por alguns anos, até que criou olhos para Sandra.

E ali, sentado diante de uma pasta aberta, Carlos sentia algo que há anos pensava não existir mais.

Sacudiu levemente a cabeça e voltou a se concentrar no que fazia, terminando a descarga dos objetos e guardando a pasta no pequeno armário ao lado da mesa. Abriu o programa de atendimento no computador, praguejando em pensamento contra a demora do programa, acessou sua senha de usuário e abriu também a pasta de arquivos contendo os dados do projeto CO.

Alguns anos antes aquela ideia de comportamentos obsessivos já circulava em sua mente, observando os valores com que as pessoas dirigiam suas vidas. No princípio Carlos não sabia definir as ideias sequer para si mesmo, mas elas circulavam sem forma por sua mente. Fora assim até uma tarde durante uma cirurgia em seu curso de residência para Ortopedia. Carlos auxiliava o Dr. Paulo Bento na reparação dos ligamentos do joelho de um rapaz de vinte e poucos anos, quando durante a cirurgia, ouviu a pergunta do preceptor:

-Esse paciente adquiriu a lesão jogando futebol? – A pergunta se devia à rotina de o residente acompanhar o paciente antes da

cirurgia, e algumas vezes o preceptor não o conhecia antes de opera-lo.

-Foi, sim – respondeu o residente – e eu estou quase apostando que ele vai querer voltar a jogar antes de a gente autorizá-lo. Ele é daquele tipo que acha que todos os campos de futebol desaparecerão antes de ele estar curado, e nunca mais poderá jogar se esperar seis meses.

Paulo parou o que fazia por alguns instantes, como quem tem uma revelação repentina, virou-se para Carlos e voltou a perguntar:

-Os campos vão acabar se ele esperar por seis meses? Jogar futebol para ele é tão importante a ponto de não poder ficar afastado para tratar o joelho? Desde quando você teve essa ideia?

-Não sei... observo algo semelhante em algumas pessoas, tanto no trabalho como socialmente. É o tipo comportamento de quem coloca alguma coisa na vida acima de tudo, e dá prioridade mesmo que aquilo não lhe traga benefício.

Fora a primeira vez em que Carlos fora incentivado a falar sobre a ideia que por tanto tempo não pusera em palavras.

-Nós precisamos falar mais sobre isso depois. Eu já pensei coisa parecida antes também.

Paulo e Carlos haviam se entendido muito bem profissionalmente desde que se conheceram no início do curso de Carlos. Alguns valores como organização e planejamento de ações, bem como a postura profissional, eram pontos de concordância em comum.

A partir de então muitas conversas sobre o tema se seguiram, e um plano de estudos foi surgindo entre mestre e discípulo.

E lá estava o projeto em andamento. Consultou a lista de espera. O paciente das 16h00 era Marcos Roberto Barbosa, 31 anos, solteiro, operário; lesão no menisco medial esquerdo, retornando da fisioterapia.

*Com qual camisa ele veio hoje? A número um ou número dois?*

Carlos clicou no comando "chamar o paciente". Após trinta segundos Marcos entrou na sala acompanhado por Yara, cumprimentando com seu tom de voz um tanto rude:

-Fala aí, doutor palmeirense! Só empataram com o Botafogo em casa no domingo?! – ele usava a camisa número dois, listada em tricolor vertical do São Paulo F.C.

**10**

Metade da agenda atendida. Paulo teria conseguido atender todos os seus primeiros oito pacientes da tarde se Ernesto não tivesse entrado na sala para se despedir por volta das 15h00 e lá permanecido por quase vinte minutos falando quase sem parar, em voz muito alta e com a porta aberta.

Ernesto não era o tipo de sócio com quem Paulo sonhara estabelecer sua clínica, mas de alguma forma ele era produtivo. Paulo não se sentia à vontade com todos os tipos de doenças ortopédicas, particularmente as doenças na coluna vertebral, e havia encontrado em Ernesto um útil aliado porque este, além de querer atender todos os casos que lhe fossem possíveis, também tinha uma propensão especial para atrair para si os casos que tinham distúrbios psiquiátricos associados.

Enquanto Paulo procurava cativar a toda a boa freguesia com rigor em cumprimento de horários marcados e postura profissional e elegante, Ernesto procurava agradar a *toda* a freguesia, principalmente a má, arranjando um jeito de querer atender ao mundo inteiro em um só dia, e tentando parecer simpático à custa de um senso de humor nem sempre apreciável.

Muitas e muitas discussões foram travadas naqueles anos de convívio. Ernesto argumentava que uma clínica cheia de pacientes aumentava o lucro por maior movimento, e que atender a todos sem hora marcada fidelizava o cliente.

Paulo argumentava que atender a tanta gente fazia com que a maioria das consultas caísse no período de retorno não remunerado dos planos de saúde, o que na realidade só faria aumentar a despesa sem aumentar a receita. Para ele, fazer a vontade de todos acabava por agradar apenas às pessoas problemáticas, enfurecendo aqueles que constituíam a boa clientela e diminuindo a índice de fidelidade dessa parcela de seus pacientes.

De qualquer forma, anos mais tarde, a habilidade de Ernesto em encontrar tipos malucos e conquista-los se tornou útil. Foi observando o comportamento médio dos pacientes que Ernesto atendia que foi possível encontrar as pessoas adequadas ao projeto.

Alguns dos selecionados eram pacientes que se tratavam com Paulo desde o início, mas a maioria foi escolhida entre os que esperavam nas longas e confusas filas que Ernesto criava em sua espera. A perspicácia de Rosa tinha ajudado muito, com a habilidade feminina de prestar atenção a mais de uma coisa ao mesmo tempo, ela tinha sido capaz de cumprir bem seu papel de recepcionista ao mesmo tempo em que conseguia prestar atenção às conversas que se travavam na sala de espera e no padrão de conversas que cada um travava.

Ela fez a lista. Aos poucos os pacientes selecionados foram sendo encaminhados a Paulo e a Carlos, e o projeto pôde prosseguir.

Agora, Paulo se sentia um pouco mais confortável pela primeira vez no dia, talvez um pouco mais confortável se não fosse Ernesto, pois estava quase em ponto com o horário de atendimento, e estava em seu território, onde podia fazer suas regras e praticar a medicina de acordo com os seus valores e sua consciência. Sem encaixes, sem loucos e ansiosos.

Passava pouco das 16h00 e alguns minutos antes ele ouvira a voz de Carlos no corredor em frente. Era de se esperar que ele ainda estivesse atendendo seu primeiro paciente, e Paulo se deu o direito de ir à copa nos fundos para mais um copo de café.

Cleide, de costas para a porta, fazia a limpeza da tarde com os fones ligados ao celular nos ouvidos, através dos quais vazava um ritmo irritante e agressivo e uma letra que parecia algo como *Ricardão eu tô chegando.*

-Oi Cleide, o café está fresco?

A pergunta foi seguida apenas da continuação da limpeza e do ritmo barulhento saindo dos fones.

-Clei-de!!! Está me ouvindo?!

Por vezes Paulo se divertia com o salto que o susto desencadeava em Cleide, seguido da ânsia frenética em desconectar os fones do celular. Desta vez seu humor do dia não lhe permitiu se divertir; preferiu um olhar seco de censura. De qualquer forma, Cleide era eficiente o suficiente em seu trabalho para que alguns deslizes fossem desconsiderados.

-O café está fresco?

-Ô Doutor, desculpe; eu estava com os fones escutando uma musiquinha. Está fresco sim, eu coei há uns vinte minutos.

-Era música mesmo? Eu só estava ouvindo barulho.

-Ah! É um conjunto de pagode; é feito para escutar alto.

-Está bem, mas quando estiver aqui escute baixo, por favor – Paulo se serviu de um copo de café – E me diga uma coisa, Cleide, qual é o dia em que você fica até mais tarde aqui na clínica?

-É na quarta, Doutor. É o dia do rodízio da placa do carro do meu noivo e ele só passa aqui um pouco depois das oito e quinze, oito e vinte. E eu espero mesmo que seja por causa da placa, porque parece que tem umazinha lá na firma que ele trabalha que vive dando em cima de todo mundo que...

-E nesse dia você fica com a Yara até ela fechar a clínica e desligar os computadores?

-Eu vejo sempre que ela desliga, porque quando a gente sai está tudo apagado. Tem dia que ela demora a desligar porque fica no telefone brigando com o namorado dela. Dizem que ela quer ficar morando em Osasco perto da mãe e ele quer morar na Freguesia do Ó onde ele trabalha de...

-Cleide, e ela desliga o *programa* do computador, até ele ficar azulzinho na tela?

-Ah! Isso eu não sei, doutor! Em computador eu só sei mexer lá no da minha irmã que ela liga e desliga, para falar com umas amigas e ver um lugar que fala da vida dos artistas...

-Cleide, então por favor, amanhã e na semana que vem, quando você fica com ela, dê uma olhada se ela espera o computador desligar sozinho antes de desligar no estabilizador.

-E o que que é isso, doutor?

-É aquela caixinha pequena que fica debaixo da mesa, que tem uma luz acesa quando está ligada! – mais uma vez Paulo falou alongando as sílabas. Cleide caberia bem no estudo do projeto.

-Ah! Sei, doutor! A Rosa me falou delas hoje.

-Está bem, está bem! Mas fique de olho na Yara na hora de fechar a clínica, está bem?

-Está sim, doutor, mas ela não gosta que eu fique perto quando ela fala com o namorado. Outro dia eles estavam falando de dormir fora e contar para a mãe dela que...

-Tá bom! Deixe a Yara com o namorado dela, e só olhe se ela desliga o computador direito, está bem?

-Está bem, Doutor.

Voltando ao corredor dos consultórios Paulo observou a porta da sala 2 fechada, indicando que Carlos atendia a uma consulta. Mais tarde teria a oportunidade de cumprimentar e conversar com o rapaz.

**11**

Um pouco de tranquilidade, finalmente! Pouco antes das 15h00 Ernesto chamara seu último paciente à consulta, e perto da 15h30 Ernesto fora embora, falando em tom muito alto para toda a recepção que estava partindo para uma cirurgia, mas não sem antes de desferir um estalado e mau halitoso beijo no rosto de Yara e de Rosa, e perguntar a Rosa se a calça que usava iria para a lavanderia hoje.

Ver Ernesto fechar a porta ao sair era sempre o melhor momento do dia, talvez até melhor do que o momento dela própria ir embora, e agora a clínica se tornava um lugar tranquilo aos olhos de Rosa. Só restavam os pacientes de Paulo aguardando por suas consultas, ocupando menos assentos do que os disponíveis na sala de espera, já habituados a serem atendidos muito próximo ao seu horário marcado, ou com apenas alguns minutos de atraso.

Paulo acabara de entrar em atraso provocado por uma longa conversa com Ernesto que ela pudera escutar às suas costas através da porta aberta do consultório. Seu senso de profissionalismo lhe sugerira levantar-se e fechar a porta, mas temendo pelo aparente mau humor de Paulo Bento naquele dia, Rosa preferiu deixar a porta aberta e suportar o constrangimento diante dos pacientes.

Aquela situação acentuava mais ainda a diferença dos dois sócios no comportamento além da aparência. Paulo prezava muito a maneira de se comportar em ambiente profissional, com seu tom baixo e seguro de voz, parecendo sempre escolher as palavras. Em contrapartida Ernesto ria alto, sempre inclinando a pesada cabeça para trás, também falava alto e sobre temas nem sempre adequados ao momento e ao lugar. Enquanto Ernesto falava alto e ria sem parar, era evidente que Paulo estava tentando encerrar a conversa e fazer

entender que precisava trabalhar e não podia conversar sobre carros, mulheres nem futebol naquele momento.

Agora, com as pessoas chegando à clínica num ritmo em que era possível abrir as fichas de atendimento calmamente, Rosa acreditou que poderia se dar alguns minutos para respirar um pouco.

-Yara, vou lá dentro por alguns minutos; tome conta da recepção enquanto isso.

-Hã?!

Deixando Yara sozinha e acreditando que dois minutos depois ela compreenderia a frase, Rosa usou primeiro o banheiro e depois entrou na copa, onde Cleide coava mais uma garrafada de café enquanto ouvia algum tipo de barulho pelos fones de seu celular. Propositadamente Rosa deixou a porta bater com um pouco mais de força que o habitual, de modo a chamar a atenção de Cleide sem precisar gritar com ela ou lhe tocar nas costas. Aprendera a fazer isso um ano antes, ao fazer Cleide entornar todo um coador cheio de pó quando lhe tocou nas costas para chamá-la por sobre o som de seus fones; Cleide levava sustos quando era tocada sem esperar, mas reagia calmamente a sons bruscos como o estrondo de uma porta batendo, e tão logo Rosa terminou de fechar a porta Cleide retirou o fone de um dos ouvidos, o que intensificou o barulho.

-Oi Rosa! O café está saindo; o Doutor quer o café às quatro, não é?

-E eu também; não aguento mais a confusão que esse Ernesto faz... e faz um pouco mais de café porque hoje é o dia do Dr. Carlos vir atender também.

-O seu bebê? Aquele que tem uma namorada que não para de ligar para ele? Eu também, no lugar dela não ia dar moleza, não! Um homem daqueles se a gente descuidar levam embora. E, aliás, Dona Rosa, no dia que ele vem você se arruma direitinho, não é? – Cleide pronunciou a última frase correndo os olhos verticalmente pelo corpo de Rosa, e em seguida apertando os lábios para a frente formando um bico como quem está admirada positivamente.

-Cuida da sua vida, Cleide! Termina de coar esse café, me dá um copo, e depois volta a ouvir os seus Chifrudos do Barulho!

-É *Cornos do Pagode!*

Ernesto e Cleide haviam reparado. Alguns pacientes ao longo do dia haviam dedicado olhares mais demorados ao corpo de Rosa. Será que

Carlos também iria reparar na calça mais justa que o habitual e na camiseta mais decotada e curta que Rosa cuidadosamente escolhera para aquela terça-feira?

Voltando à recepção minutos depois, pensando na sinceridade ingênua, mas correta de Cleide, Rosa tentou se concentrar de volta ao trabalho e aos problemas do dia. O computador falhando na sala 2 e a necessidade urgente de backup de dados do projeto. Dr. Carlos estava encarregado da função de preservar os dados, e ela esperava que ele o fizesse ainda nesta semana, antes que o computador se danificasse de uma vez.

Quase quatro horas da tarde e a porta da frente se abriu, dando passagem à figura ao mesmo tempo tímida e atraente de Carlos Vargas. Rosa calculava sua altura em cerca de 1,90 m num corpo naturalmente atlético, com cabelos pretos sempre bem cortados e cuidadosamente penteados encimando uma cabeça proporcional que abrigava um rosto masculino que, se não rivalizava com um símbolo sexual do cinema, não deixava a desejar para o seu gosto. Um nariz fino e reto separava dois olhos negros fazia conjunto com uma boca reta e um queixo suavemente alongado.

Assim que o rapaz, que completaria vinte e nove anos dali a dois meses, segundo Rosa já checara, se aproximou da mesa da recepção para os detalhes de praxe, seu olhar um tanto nervoso procurou um ponto equidistante entre ela e Yara, e chegou o momento:

*É a hora do meu sorriso* trinta e um... *senão, só na semana que vem.* E disparou a Carlos o sorriso que julgava mais adequado para a situação.

Pareceu dar certo, porque Carlos se retirou aparentemente um tanto nervoso para a sua sala. Agora restava usar bem a próxima oportunidade para entrar no consultório 2 profissionalmente, para constatar se o desagradável Ernesto Rodrigues tinha razão e teria a concordância de opinião do interessante Carlos Vargas.

**12**

-Ô Doutor, e no domingo a gente tem a viagem para o Rio! São seis horas no busão! Será que o joelho aguenta ficar sentado ou eu vou ter que ficar em pé na viagem, Doutor?

-Marcos, não seria possível ao menos uma vez você ficar em casa enquanto está no pós-operatório? São seis horas para ir e mais seis para voltar! E esse jogo não vai passar na televisão?

-Passar vai Doutor, mas eu tenho que ir lá no estádio, Doutor! É a revanche com o Flamengo, Doutor! No primeiro turno, lembra que eles ganharam da gente de 2 x 1 de virada em pleno Morumbi, Doutor? Eles saíram do estádio tirando uma com a nossa cara, Doutor! Agora a gente tem que ir lá devolver o desaforo, Doutor!

Carlos se lembrava vagamente de o Flamengo ter vencido o São Paulo meses atrás. Cinco semanas antes Marcos fora operado em uma artroscopia de joelho para reparar um menisco danificado. Ao contrário da maioria dos maníacos por futebol, que se machucam ao jogar, Marcos torcera o joelho dois meses antes da cirurgia ao saltar nas arquibancadas do estádio para comemorar um gol.

-Marcos, o seu joelho ainda está em recuperação. Além do menisco, que era o principal, você ainda tem a erosão da cartilagem que demora um pouco mais a recuperar. Muito tempo com o joelho dobrado força demais a cartilagem e não vai permitir que haja a recuperação necessária!

-Que seja, Doutor! Eu fico de pé a viagem toda, então! Mas eu não posso perder esse jogo, Doutor! Os cariocas fizeram pouco do Tricolor, Doutor!

-E vocês vão no sábado ou no domingo? Depois de chegar lá você terá que aplicar gelo no joelho vinte minutos para não inchar de novo.

-Ih! Não vai dar para por gelo não, Doutor! Nós vamos com a galera no domingo mesmo, Doutor! O busão pega a gente às sete da manhã no Morumbi; tem que sair cedo para garantir que a gente chega pelo menos duas horas antes do jogo para começar o agito do lado de fora do estádio, Doutor! Aí eu vou estar ocupado e nem vai ter onde colocar gelo lá no estádio, Doutor!

-Espere aí! Deixe eu ver se entendi: o jogo começa às quatro e vocês precisam ficar duas horas antes do lado de fora do estádio para fazer um *agito?* E depois o jogo termina lá pelas seis e quinze, para vocês

pegarem a estrada de volta e estarem em São Paulo lá pela uma hora da manhã?

Marcos morava em Itaquera, na Zona Leste de São Paulo, e o estádio do Morumbi, onde o ônibus o apanharia e desembarcaria fica na Zona Sul, a pelo menos 30 km de distância. A que horas ele precisaria acordar no domingo para estar em frente ao estádio às 7h00? E a que horas chegaria a casa na madrugada de segunda-feira para em seguida ir trabalhar de manhã?

E provavelmente o jogo Flamengo x São Paulo seria televisionado para São Paulo. A força das emissoras de TV era tal que conseguiam influenciar a tabela de jogos do Campeonato Brasileiro, fazendo com que invariavelmente um dos grandes times de São Paulo e também um dos grandes times do Rio de Janeiro estivessem jogando fora de casa para garantir a transmissão do jogo ao vivo para cada uma das duas cidades.

-É bem por aí, Doutor; mas a gente sai lá do Rio até um pouco mais tarde porque vai ter que ter a comemoração depois do jogo, e a gente tem que tirar uma com a cara deles, Doutor!

-Marcos, alguém já teve a brilhante ideia de sair de São Paulo no sábado, para descansar uma noite no Rio, tomar banho e se alimentar direito?

-Ah! Aí não dá não, Doutor! Tem o ingresso, o lanche e a passagem; ia ficar mais caro ainda o hotel, Doutor!

-Veja, Marcos; a recomendação médica que eu lhe faço é que fique em casa porque você ainda está em fase de recuperação e ainda não está bem para a viagem longa de ônibus, e também não está bem para pular como louco na arquibancada, *e muito menos para arrumar briga e confusão na porta do estádio!!* Mas de qualquer forma, como eu sei que você vai ao Rio de qualquer maneira, com ou sem o meu consentimento, tente moderar as coisas, pelo menos. Sente no corredor e no lado direito, para você poder esticar o joelho durante a viagem. Não há perigo de alguém tropeçar no seu pé porque, como você sempre diz, só haverá sãopaulinos no ônibus e todos eles são gente boa, não é?

-É isso aí, Doutor! Eu sabia que o senhor é gente fina, mesmo sendo palmeirense, Doutor! Pode deixar que eu me comporto, Doutor! É só eles respeitarem o meu Tricolor que não vai ter confusão não, Doutor!

-Está feito! – Carlos falava com Marcos ao mesmo tempo em que digitava um pedido de fisioterapia e uma nova receita. Após aguardar a impressão, assinou as duas folhas e as entregou ao paciente – Você fará outras dez sessões de fisioterapia e voltará a tomar o anti-inflamatório por mais cinco dias. Marque o retorno com as meninas lá na frente para depois do fim da fisioterapia, o que deve demorar três semanas. E se cuide, meu velho!

-Brigadão, Doutor! Eu volto depois da fisioterapia, Doutor! E olhe, Doutor, vocês pegam o Grêmio lá no Olímpico, hein? Cuidado porque na casa deles eles acham que mandam no mundo, hein Doutor?

E Marcos Roberto Barbosa apanhou os impressos, ergueu-se apertou a mão de Carlos vigorosamente e deixou a sala mancando levemente pelo joelho esquerdo.

Fitando a porta entreaberta, Carlos tentava decidir se deveria completar o prontuário nos arquivos de projeto CO antes ou depois de tentar falar pessoalmente com PB, já que ouvira sua voz através da porta chamando a moça do café (era Cleide ou Neide?) enquanto atendia a consulta de Marcos.

Decidiu escrever antes que pudesse perder a linha de raciocínio. Clicou no ícone dos arquivos do projeto, recordando antecipadamente a senha que somente ele, PB e Rosa conheciam para acessar o arquivo e, e irritantemente uma ampulheta virtual começou a girar incessantemente na tela do computador.

Carlos já murmurava alguns palavrões quando sua concentração foi subitamente quebrada pela inesperada visão em seu campo periférico, chegando a assustá-lo. Virou-se de frente para a mesa e seus olhos encontraram a silhueta de Rosa em pé em frente à mesa, ali parada silenciosamente já havia alguns segundos.

Seus olhos caíram a meio caminho entre o decote da camiseta e a cintura da calça, sendo magneticamente atraídos um pouco abaixo, onde a camiseta terminava um tanto acima do corte baixo da calça, expondo uma nesga da barriga e delineando uma cintura que, em contraste com o gracioso alargamento da pelve, há meses lhe chamava atenção de forma cada vez mais forte.

Habituado a observar os olhos daqueles com quem interagia quando estava calmo, Carlos imediatamente se deu conta do que fazia,

erguendo o olhar rapidamente para fitar o rosto de Rosa enquanto sentia um leve enrubescer no próprio rosto.

Estava acostumado a trabalhar em instituições onde havia algumas normas de recato no vestiário dos funcionários; lembrava-se de sua curiosidade em saber como seriam certas moças que conhecia sem estarem usando longos aventais totalmente abotoados, como as recepcionistas da AMN, mas naquela clínica pudera notar que Paulo Bento era bastante liberal em alguns aspectos e Ernesto era um grosseirão sem discrição, e assim permitiam que suas funcionárias usassem como identificação um pequeno colete azul-marinho com o logotipo da empresa, o qual Rosa usava totalmente desabotoado, deixando os contornos do corpo visíveis.

E, finalmente chegando ao rosto da moça, pouco acima de sua altura quando sentado, porque Carlos estimava a altura de Rosa entre 1,5 m e 1,55 m, deparou-se novamente com o sorriso que lhe era quase fatal: num rosto pouco delicado e muito moreno que faziam Rosa parecer feia quando séria, a boca se abria largamente e expunha duas fileiras de dentes muito brancos e transformava as feições de uma maneira que há meses afetava seus sentimentos. Sorrindo ela era linda!

-Doutor, o arquivo está abrindo?

-Ainda não; eu acabei de tentar abrir e ele ainda está carregando. – As palavras saíram um tanto trêmulas tanto pela surpresa quanto pelo constrangimento pelo mau controle de seus olhos durante meio segundo.

-Desde a semana passada esse computador está tendo problemas. Hoje pela manhã eu pensei que ele não fosse ligar. O Dr. Paulo disse que o Sr. faria o backup hoje.

-Ai, meu Deus! Eu pretendia trazer os dados que estava sincronizando do meu computador ontem à noite, mas tive um contratempo e não consegui gravar tudo... se me conheço, se eu tentar gravar agora para mixar os dados dos dois computadores diferentes, eu vou acabar perdendo a organização e misturando tudo sem ordem.

Um contratempo... Sandra ao telefone na véspera... pensar em Sandra, a quem devia fidelidade, enquanto encarava Rosa à sua frente fazia o conflito no coração de Carlos atormentá-lo mais ainda, e

agora percebia o quanto temia mencionar uma namorada na presença de Rosa.

-E agora? Será que não é possível salvar os dados que estão aqui no pendrive hoje, ao menos para não perder as informações se o computador der pau de uma vez? Depois nós podemos sentar com calma em outro momento e organizarmos tudo.

A frase final foi dita ampliando ainda mais aquele sorriso! Ele se imaginava sendo convidado para um encontro.

-Acho que sim... eu... eu posso gravar hoje... e depois a gente pode usar um horário qualquer... para organizar tudo... você sabe fazer isso?

-Eu faço; organização é o meu forte, mais ainda com textos e dados. Geralmente sou eu quem dou um jeito na bagunça que o Dr. Paulo e o Dr. Ernesto fazem com a papelada na clínica. E na minha casa, se eu não organizar as coisas, o meu pai perde todos os boletos das contas.

-Está bem... eu gravo antes de sair... depois nós combinamos quando organizaremos tudo...

-Olhe, Doutor! O arquivo abriu...ufa! – e o sorriso aumentou enquanto Rosa se debruçava sobre a mesa para melhor enxergar o monitor.

-Até que enfim! Então... deixe eu anotar os dados deste último paciente antes que a gente perca tudo... depois a gente organiza o restante dos dados... – os olhos de Carlos novamente foram magneticamente atraídos, agora para o decote da camiseta enquanto Rosa se debruçava sobre a mesa.

-Assim faremos. Eu estarei aqui até as 18h00. Se precisar pode me ligar durante a semana.

E Rosa começou a deixar a sala. Imediatamente ao afastar-se da mesa virou-se de costas para Carlos e caminhou lentamente para a porta. Ao cruzar o limite do batente Rosa virou apenas o pescoço para trás, disparou um novo sorriso e saiu.

Atônito, Carlos enrubesceu por completo; a última ação de Rosa ao virar-se parcialmente e encará-lo novamente flagrou seus olhos incontroláveis fitando a região do quadril de Rosa, o detalhe que mais lhe chamava a atenção.